

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MATHEUS FONTELLA GOULART

**O TEMPO DE USO DE *SMARTPHONE* E A SUA RELAÇÃO COM A
DEPENDÊNCIA DE USO E O SENTIMENTO DE SOLIDÃO**

**Santana do Livramento
2022**

MATHEUS FONTELLA GOULART

**O TEMPO DE USO DE *SMARTPHONE* E A SUA RELAÇÃO COM A
DEPENDÊNCIA DE USO E O SENTIMENTO DE SOLIDÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração.

Orientador: Gustavo da Rosa Borges

**Santana do Livramento
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

G427t Goulart, Matheus Fontella

O TEMPO DE USO DE SMARTPHONE E A SUA RELAÇÃO COM A
DEPENDÊNCIA DE USO E O SENTIMENTO DE SOLIDÃO / Matheus
Fontella Goulart.

58 p.

Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO, 2022.

"Orientação: Gustavo da Rosa Borges".

1. Smartphone. 2. Uso excessivo. 3. Uso problemático. 4.
Dependência. 5. Solidão. I. Título.

MATHEUS FONTELLA GOULART

O EFEITO DA SOLIDÃO NO USO DE SMARTPHONES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração.

Dissertação defendida e aprovada em: 05 de outubro de 2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Gustavo da Rosa Borges

Orientador

UNIPAMPA

Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Alves

UNIPAMPA

Prof. Dr. Rafael Camargo Ferraz

UNIPAMPA

Prof. Dr. Jonas Fernando Petry

UFAM



Assinado eletronicamente por **Jonas Fernando Petry, Usuário Externo**, em 26/10/2022, às 12:47, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **RAFAEL CAMARGO FERRAZ, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/11/2022, às 09:37, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **RICARDO RIBEIRO ALVES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/11/2022, às 10:10, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **GUSTAVO DA ROSA BORGES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/11/2022, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0930262** e o código CRC **E916FFE5**.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus;

Agradeço a minha mãe Roselaine Becker Fontella e ao meu pai José Silvano Moreira Goulart, por terem dado a mim, as condições necessárias para ter chego até este momento;

Agradeço aos meus irmãos que indiretamente são uma fonte de motivação, para que eu sempre busque ser a melhor versão possível de mim e tornar-me um exemplo a eles;

Agradeço a todos professores da minha trajetória de estudante, que mesmo diante de adversidades de recursos, buscaram transmitir os ensinamentos da melhor forma possível;

Agradeço ao meu amigo, namorado e companheiro Mateus Hösel Portela, que nos momentos mais difíceis, de angústias, crises e choros era quem estava ao meu lado me dando toda força e apoio necessário para eu continuar nesta trajetória;

Agradeço aos meus professores do PPGA da UNIPAMPA, que fomentaram em mim o conhecimento necessário para o desenvolvimento na área da pesquisa;

Agradeço a exemplar Docente Dr^a. Debora Nayar Hoff que me instigou e incentivou a cursar o Mestrado em Administração na UNIPAMPA;

Agradeço a Docente Dr^a. Kathiane Benedetti Corso que aceitou a difícil missão de me orientar, mas por motivos mais que compreensíveis teve que ausentar-se em função da maternidade;

Agradeço ao querido e gentil Docente Dr. Gustavo da Rosa Borges que aos 45 minutos do segundo tempo, assumiu a quase impossível missão de me orientar, e que mesmo diante a total reestruturação da dissertação sempre esteve calmo e acreditou em mim, mesmo quando eu mesmo tinha dúvidas da minha capacidade;

Agradeço a Docente Dr^a. Carolina Freddo Fleck e ao Docente Dr. João Garibaldi Almeida Viana, pelo carinho e atenção nas disciplinas e comissões em que estivemos juntos;

Agradeço ao Docente Dr. Rafael Ferraz que, enquanto Coordenador do PPGA, sempre tirou as minhas dúvidas e que, muitas vezes por meio de brincadeiras e piadas, me instigava a cumprir as atividades e persistir com a dissertação;

Agradeço ao Docente Dr. Ricardo Ribeiro Alves por tem composto a minha banca não somente no processo de Qualificação, mas também, na defesa da Dissertação de Mestrado;

Agradeço ao Prof. Dr. Jonas Fernando Petry pelas ótimas considerações e sugestões realizadas na minha Defesa da Dissertação;

Agradeço aos meus colegas do Mestrado que, mesmo de forma remota, estiveram comigo nesta trajetória e permitiram a mim um maior desenvolvimento ao atuar como representante discente do PPGA;

Agradeço em especial ao Fernando Araújo Braz e a Paula Gulart Munhoz, que se tornaram meus amigos, confidentes, parceiros de pesquisa, os quais levarei para a vida e ratifico, sem eles não teria tido forças para ter chego até o fim;

Agradeço ao PPGA e a UNIPAMPA através da Pró-reitoria de Pesquisa e Inovação que auxiliaram o meu desenvolvimento acadêmico e profissional através da bolsa de pesquisa;

Agradeço aos respondentes do meu questionário de coleta de dados;

Agradeço ao meu psicológico por não ter permitido que eu desistisse, pois somente quem teve o plano A, B, C e D errado, sabe o quão difícil é ter persistência para continuar.

“Você consegue, não desiste”.
(-Meus amigos-, -durante o Mestrado inteiro-)

RESUMO

Nos dias de hoje, vive-se em uma sociedade cada vez mais dinâmica que busca a praticidade, eficiência e celeridade em todas as atividades diárias. Diante deste contexto, emergem os *smartphones* que buscam otimizar as práticas cotidianas, sendo estes capazes de melhorar o desempenho por meio das diversas funcionalidades e aplicativos existentes. Todavia, requer atenção quando tais aparelhos são usados de maneira problemática e excessiva, causando problemas psicossociais, como exemplo a solidão. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo analisar uma possível relação entre a solidão, frequência de uso do *smartphone* e dependência de *smartphone*. Para tal, perfez a necessidade de explanar conhecimentos literários sobre as Tecnologias de Informação e de Comunicações (TICs); Tecnologias de Informação Móveis e Sem fio (TIMS); Uso excessivo e Uso problemático do *Smartphone*, bem como sobre o Sentimento da Solidão. No que tange ao procedimento metodológico, a pesquisa caracteriza-se como Descritiva de abordagem Quantitativa com dados primários e coletados a partir do método *Survey*, aplicado de forma individual e *on-line*. Insta salienta que o instrumento de coleta contou com a mensuração da Frequência de Uso do *Smartphone*, adaptação da Escala de Dependência e a adaptação da Escala de Solidão (UCLA). Foram coletadas 548 respostas, sendo 534 válidas e 515 analisadas. Quanto à população da amostra, consiste em indivíduos que sejam possuidores de aparelhos *Smartphone*. Os dados coletados foram analisados inicialmente através da Estatística Descritiva para a compreensão dos perfis sociodemográficos dos participantes e aferição do tempo de uso no aparelho de *smartphone*; posteriormente, foi realizada a análise de Regressão Linear Simples, através do programa SPSS, a fim de testar as hipóteses. Após a análise dos resultados, constatou-se que, o tempo de uso possui influência na dependência em aparelho *smartphone*; porém não ocorre a influência na solidão. A dependência em *smartphone* sinalizou relação com a solidão. Por fim, o estudo comprovou que quanto maior o tempo de uso no aparelho de *smartphone*, maior será a propensão do indivíduo ser dependente dele, e quanto mais dependente, maior será a propensão para tornar-se solitário.

Palavras-Chave: *Smartphone*; Uso excessivo; Uso problemático; Dependência; Solidão.

ABSTRACT

Nowadays, we live in an increasingly dynamic society that seeks practicality, efficiency and speed in all daily activities. In this context, smartphones emerge that seek to optimize everyday practices, which are capable of improving performance through the various existing features and applications. However, it requires attention when such devices are used in a problematic and excessive way, causing psychosocial problems, such as loneliness. In this sense, the present research aims to analyze a possible relationship between loneliness, frequency of smartphone use and smartphone dependence. To this end, the need to explain literary knowledge about Information and Communications Technologies (ICTs) was perfected; Mobile and Wireless Information Technologies (TIMS); Excessive use and problematic smartphone use, as well as feelings of loneliness. With regard to the methodological procedure, the research is characterized as Descriptive with a Quantitative approach with primary data collected from the Survey method, applied individually and online. Insta points out that the collection instrument included measuring the frequency of smartphone use, adapting the Dependency Scale and adapting the Loneliness Scale (UCLA). A total of 548 responses were collected, 534 of which were valid and 515 were analyzed. As for the sample population, it consists of individuals who own Smartphone devices. The collected data were initially analyzed using Descriptive Statistics to understand the sociodemographic profiles of the participants and measure the time spent using the smartphone device; subsequently, Simple Linear Regression analysis was performed using the SPSS program in order to test the hypotheses. After analyzing the results, it was found that the variable time of use has an influence on smartphone dependence; but it showed no influence on solitude; in addition, the smartphone dependency variable indicated a relationship with loneliness. Finally, the study proved that the longer the time of use on the smartphone device, the greater the individual's tendency to be dependent and the more dependent, the greater the propensity to become lonely.

Keywords: Smartphone; Excessive use; problematic use; Dependency; Loneliness.

RESUMEN

Hoy en día, vivimos en una sociedad cada vez más dinámica que busca practicidad, eficiencia y rapidez en todas las actividades diarias. En este contexto, surgen teléfonos inteligentes que buscan optimizar las prácticas cotidianas, que son capaces de mejorar el rendimiento a través de las diversas funciones y aplicaciones existentes. Sin embargo, requiere atención cuando tales dispositivos se utilizan de manera problemática y excesiva, causando problemas psicosociales, como la soledad. En este sentido, la presente investigación tiene como objetivo analizar una posible relación entre la soledad, la frecuencia de uso del teléfono inteligente y la dependencia del teléfono inteligente. Para ello, se perfeccionó la necesidad de explicar los saberes literarios sobre las Tecnologías de la Información y las Comunicaciones (TIC); tecnologías de la información móviles e inalámbricas (TIMS); Uso excesivo y uso problemático del smartphone, así como sentimientos de soledad. En cuanto al procedimiento metodológico, la investigación se caracteriza como Descriptiva con enfoque Cuantitativo con datos primarios recolectados del método Encuesta, aplicada de forma individual y en línea. Insta señala que el instrumento de recolección incluyó la medición de la frecuencia de uso del teléfono inteligente, la adaptación de la Escala de Dependencia y la adaptación de la Escala de Soledad (UCLA). Se recogieron un total de 548 respuestas, de las cuales 534 fueron válidas y 515 fueron analizadas. En cuanto a la población de la muestra, está compuesta por individuos que poseen dispositivos Smartphone. Los datos recopilados se analizaron inicialmente utilizando Estadística Descriptiva para comprender los perfiles sociodemográficos de los participantes y medir el tiempo que pasan usando el dispositivo inteligente; posteriormente, se realizó el análisis de Regresión Lineal Simple con el programa SPSS para probar las hipótesis. Luego de analizar los resultados, se encontró que la variable tiempo de uso influye en la dependencia del smartphone; pero no mostró influencia sobre la soledad; además, la variable dependencia del teléfono inteligente indicó una relación con la soledad. Finalmente, el estudio comprobó que cuanto mayor sea el tiempo de uso del dispositivo smartphone, mayor será la tendencia del individuo a ser dependiente y cuanto más dependiente, mayor será la propensión a la soledad.

Palabras clave: Teléfono inteligente; Uso excesivo; uso problemático; Dependencia; Soledad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Usuários de <i>smartphone</i> e microcomputador no Brasil	19
Figura 2 – Classificação dos hábitos decorrentes do uso de <i>smartphones</i>	28
Figura 3 – Termos sinônimos de mau uso do <i>smartphone</i>	28
Figura 4 – Desenho da Pesquisa	36
Figura 5 – Percurso Metodológico	43
Figura 6 – Modelo Proposto	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Hipóteses da Pesquisa	35
Tabela 2 – Perfil Sociodemográfico	44
Tabela 3 – Uso diário do smartphone	45
Tabela 4 – Análise da Relação entre Tempo de uso de Smartphone e Dependência em Smartphone	46
Tabela 5 – Análise da Relação entre Tempo de uso de Smartphone e Solidão	46
Tabela 6 – Análise da Relação entre Dependência em Smartphone e Solidão.....	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Diferentes tipos de TI	25
Quadro 2 – Teorias acerca da relação entre a solidão e as TIMS	31
Quadro 3 – A solidão e as suas associações	31
Quadro 4 – Variáveis do construto de dependência em <i>smartphone</i>	38
Quadro 5 – Variáveis do construto de solidão	39
Quadro 6 – Hipóteses Testadas	47

LISTA DE ABREVIATURAS

p. – Página

v. – Volume

Ind. – Indicador

Sol. – Solidão

Dep. – Dependência

LISTA DE SIGLAS

AUEB – *Athens University of Economics and Business*

COVID-19 – SARS-CoV-2

CPU – *Central Processing Unit*

GPS – *Global Positioning System*

HSDPA – *High-Speed Downlink Packet Access*

HTML – *Hypertext Markup Language*

IR – *Infrared*

LAN – *Local Area Network*

PDA – *Personal Digital Assistant*

TI – *Tecnologia de Informação*

TIC – *Tecnologia da Informação e Comunicação*

TIM – *Tecnologia de Informação Móvel*

Wi-Fi – *Wireless Fidelity*

WWW – *World Wide Web*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
1.1	Problemática	19
1.2	Objetivos	21
1.2.1	Objetivo geral	21
1.2.1	Objetivos específicos	21
1.3	Justificativa	21
1.4	Estrutura da dissertação	23
2	REFERENCIAL TEÓRICO	24
2.1	Da Tecnologia às TIMS: do avanço surge o <i>smartphone</i>	24
2.1.1	Classificação das Tecnologias de Informação	25
2.1.2	Tecnologias de Informação Móveis Sem Fio (TIMS)	26
2.1.3	<i>Smartphone</i> : a definição	27
2.2	O mau uso do <i>Smartphone</i>	28
2.3	As TIMS e o sentimento da solidão	31
2.4	Hipóteses da Pesquisa	34
2.5	Desenho da Pesquisa	36
3	MÉTODO DA PESQUISA	37
3.1	Categorização da Pesquisa	37
3.2	Método de Pesquisa	37
3.3	Técnica de Coleta de Dados	38
3.4	Pré-teste	40
3.5	Categorização da Amostra	41
3.6	Técnica de análise dos dados	42
3.7	Desenho Metodológico	43
4	ANÁLISE DOS RESULTADOS	44
4.1	Perfil dos respondentes	44
4.2	O tempo de uso no <i>smartphone</i>	45
4.3	Regressões	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
	REFERÊNCIAS	51
	APÊNDICES	56

1 INTRODUÇÃO

As tecnologias sempre foram motivações de inúmeros avanços, pois com elas pode-se advir melhorias em diversas áreas a fim de prosperar um maior desenvolvimento local, regional, nacional e até mesmo mundial (PEREIRA; SILVA, 2020). Em seu início a tecnologia era vista como sinônimo de poder, aquela nação que era detentora da maior tecnologia era tratada como superior as demais, historicamente ela consolidou-se pelos avanços industriais, bélicos e sociais (CASTELLS, 1999; WERTHEIN, 2000; PEREIRA; SILVA, 2020).

Conforme Cartells (1999) já relatava, os avanços oriundos das melhorias das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), são cruciais para um desenvolvimento mais célere na sociedade. Tais avanços, além de modificar as práticas dos usuários, reestabeleceram as relações de poder, afinal quem detinha mais tecnologia e informação era visto com maior poder e *status* (CASTELLS, 1999; PEREIRA; SILVA, 2020).

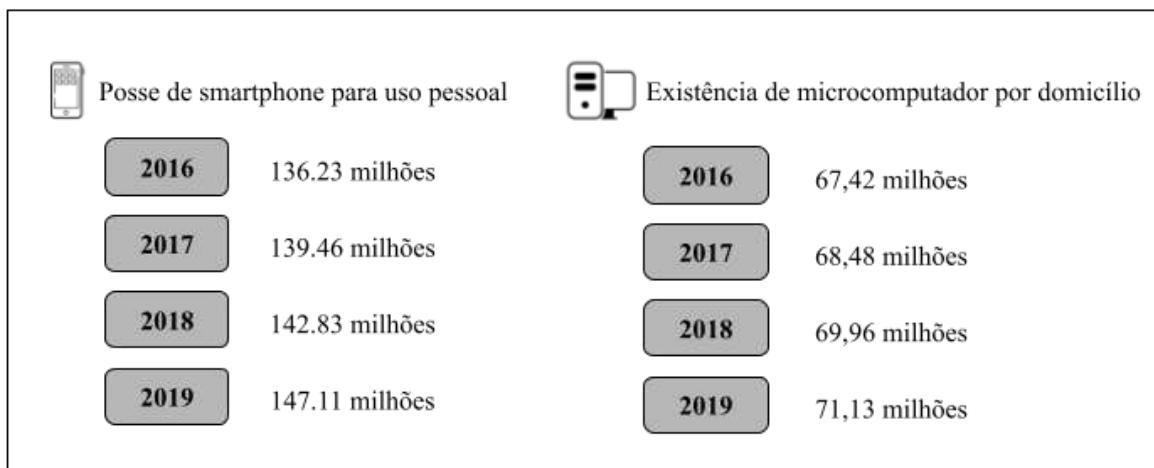
Insta salientar que a inserção das TICs na sociedade, deu-se de forma muito sutil, em detrimento da sua funcionalidade cada vez mais dinâmica. Com o advento das Tecnologias de Informação Móveis Sem Fio (TIMS), elucida-se um aumento do dinamismo, pois os usuários passaram a usar os “celulares inteligentes”, conhecidos como *smartphones*, para questões simples, como olhar a hora, mandar uma mensagem de texto, ligar para um familiar, fazer uma busca sobre o clima, etc. (KAKIHARA; SORENSEN, 2001; CORSO, 2013).

Os *smartphones* assumiram uma função vital em meio às práticas cotidianas dos indivíduos, pois facilitou a vida dos usuários e fomentou as relações sociais por meio do acesso as redes sociais, compreendendo as múltiplas formas de relacionar-se, através de um simples *touch* (ORTEGA; CORSO; MOREIRA, 2020). Nota-se que há inúmeros estudos sobre as tecnologias móveis, uma vez que, cada vez mais, a população consome os diversos tipos de aparelhos móveis existentes (COUTINHO, 2014); consumo este que possui um expressivo poder nas relações consumeristas, nas relações pessoais (LYYTINEN E YOO, 2002) e profissionais (CORSO, 2013; CORSO; BEHR; FREITAS, 2015) e até mesmo nos hábitos culturais de uma comunidade (KAKIHARA; SORENSEN, 2001).

Embora sabe-se que jovens são mais propensos a utilizar os aparelhos *smartphones* (TAGHIZADEH et al., 2019), todo e qualquer indivíduo busca a inovação e praticidade para a realização das suas atividades diárias. Os números de possuidores de TIMS no Brasil cresceu a cada ano que passou, seja quando houve a transição dos aparelhos de *notebook* para os *tablets*, seja quando foi dos aparelhos telefônicos para os “celulares inteligentes” (aparelho

smartphone). Veja-se na sequência a Figura 1, que elucida a crescente quantidade de possuidores das principais TIMS no Brasil:

Figura 1 – Usuários de *smartphone* e microcomputador no Brasil



Fonte: autoria própria (2022) com base na plataforma Sidra - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual (IBGE, 2019).

Ademais, os aparelhos *smartphones*, possuem notória capacidade, com sistemas operacionais diversos (*Android, Blackberry, Windows Phone, Apple's IOS*, etc); tais sistemas possibilitam que os usuários utilizem outros mecanismos e aplicativos além dos originários do fabricante (THEOHARIDOU; MYLONAS; GRITZALDIS, 2012). Ao referenciar microcomputadores, com base na plataforma Sidra (IBGE, 2019) entende-se que são os aparelhos de *notebook* e *tablets*, também muito usados nos dias de hoje, pois assim como os aparelhos de *smartphone*, eles possibilitam ao possuidor a capacidade de locomover-se para qualquer ambiente sem que haja a perda na conectividade.

Todavia, ao refletir sobre o uso dos aparelhos de *smartphone* pelos usuários, e ainda, sobre o tempo de uso que é dispensado por estes, emerge uma reflexão sobre até que ponto é benéfico aos indivíduos estarem sempre conectados, visto que nem todas as formas de uso são benéficas, alguns são até mesmo prejudiciais e patológicos aos usuários dos aparelhos de *smartphone* (BIAN; LEUNG, 2015).

1.1 Problemática

O uso das TIMS e em especial, o *smartphone* contribui muito quando trata-se da produtividade, qualidade, velocidade e eficiência; todavia, cabe um olhar analítico quando se elencam outras práticas muito prejudiciais aos usuários decorrentes do mau uso, como

exemplo: nomofobia¹, distração, problemas de saúde e dependência (ANSHARI et al., 2016). Cabe mencionar que o uso diário na sociedade tecnológica em que vivemos, tornou-se inevitável, mesmo que para simples atividades corriqueiras, como olhar o tempo, fazer buscas rápidas, registrar um momento por meio de uma fotografia, efetuar uma ligação, entre outras práticas (CASTELLS, 1999; PEREIRA; SILVA, 2020).

Contudo, dado momento, a situação começa a ficar preocupante, na medida em que os indivíduos não possuem mais controle sobre em quais momentos segurar, olhar e mexer no seu aparelho *smartphone* (AMORIM, 2020). Com o transcorrer do tempo, tais práticas tornam-se tão imperceptíveis, justificada pelos usuários como uma “olhadinha na hora”, “conferida no tempo” e entre outras (KAKIHARA; SORENSSEN, 2001; CORSO, 2013).

Não obstante, Bandeira (2019) expõe, com base na literatura, alguns outros sentimentos, os quais são consequências negativas deste mau uso do *smartphone*, tais como, compulsividade, vício, dependência, uso problemático, entre outros (BANDEIRA, 2019). Dentre as inúmeras patologias mais incidentes, destaca-se a dependência, pois se nota que os usuários depositam nos aparelhos de *smartphone* um valor não somente financeiro, mas emocional.

Há usuários que deixam de acreditar na sua capacidade técnica e profissional quando não estão conectados com os seus aparelhos, outros sentem-se estagnados, e ainda, há aqueles que veem no celular a possibilidade de mitigar as suas angústias e fazem o uso dessa ferramenta como uma alternativa de tratamento psicológico (REID; REID, 2007; TAKAO; TAKAHASHI; KITAMURA, 2009; DARCIN; et al., 2016).

Conforme já exposto, a cada ano aumenta o número de usuários das TIMS, com isso, as desigualdades acentuam-se, as relações tornam-se mais superficiais e mais indivíduos adoecem em função da instabilidade emocional que assola as atuais gerações devido às relações. Em outra via, há acontecimentos na vida dos indivíduos, que acarretam um aumento do tempo de uso, e conseqüentemente uma maior solidez, a exemplo violência física, alcoolismo, ansiedade social, depressão, déficit de atenção e/ou inúmeras outras moléstias (PERMAN; PEPLAU, 1981).

Problematizando esses acontecimentos cada vez mais recorrente na sociedade, onde sinaliza-se uma forte relação do uso excessivo do aparelho de *smartphone* com a dependência, bem como a solidão, a presente pesquisa possui como finalidade responder à seguinte

¹ Conforme Cappellozza et al. (2017), a nomofobia é causada pela ansiedade que um indivíduo desenvolve em decorrência do distanciamento com o aparelho *smartphone* ou qualquer outro aparelho que propicia a comunicação virtual com outras pessoas.

questão: o tempo de uso no smartphone corrobora para que se tenha mais indivíduos dependentes e solitário nos dias de hoje?

Assim, apresentar-se-á os objetivos da pesquisa para a obtenção da resposta.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral:

Analisar se há relação do tempo de uso do aparelho de *smartphone* com a dependência em *smartphone* e o sentimento de solidão.

1.2.2 Objetivos Específicos:

- a) Identificar o tempo de uso diário dos usuários de *smartphones*;
- b) Investigar se há influência do tempo de uso de *smartphone* na dependência de uso do *smartphone*;
- c) Investigar se há influência do tempo de uso de *smartphone* na solidão;
- d) Investigar se há influência da dependência de *smartphone* na solidão.

1.3 Justificativa

Toda pesquisa científica é construída com base em inquietações e curiosidades a partir de diferentes contextos. Todavia, esta pesquisa se justifica com base em dois grandes pilares: o dever social de compreender os problemas sociais em que a nossa sociedade se encontra, a fim de estabelecer medidas para mitigar tais problemas e a necessidade de fomentar o conhecimento técnico-científico na área da administração sobre este assunto.

O mercado de consumo e as grandes empresas de telefonia estão cada vez mais dinâmicas e céleres, incentivando a compra, troca e revenda dos “celulares inteligentes” ou popularmente conhecidos como *smartphones* (DEKLEVA, 2004). São produzidos nacionalmente e importados internacionalmente muitos aparelhos, para que assim, sejam comercializados à toda população, algumas marcas e modelos tornam-se grandes objetos de consumo para os indivíduos. Recai a atenção quando alguns deixam até mesmo de suprir necessidades básicas a fim de acompanhar os lançamentos de aparelhos; desencadeando crises financeiras, arrependimento, tristeza e demais consequências capazes de desestruturar o emocional dos indivíduos (COUTINHO, 2014).

Além das crises já mencionadas, existem as crises sociais, pessoais e as existenciais, em que os indivíduos não conseguem estabelecer e consolidar novas relações (TAN;

PAMUK; DÖNDER, 2013). Sabe-se que as relações bem construídas são a base para boas práticas cotidianas, entretanto, nos dias de hoje estão cada vez mais difíceis de ocorrer, e quando não ocorrem, recai sobre as pessoas sentimentos dos mais negativos possíveis, tais como, a rejeição, angústias, depressão e a solidão.

Quanto à relevância da presente pesquisa para a área da administração, tornou-se evidente, ao passo que muitos dos estudos na área indicavam o sentimento da solidão como uma das possíveis causas para o aumento de tempo de uso de *smartphone* (DARCIN; et al., 2016), ou a causa para a dependência (REID; REID, 2007; TAKAO; TAKAHASHI; KITAMURA, 2009), e até mesmo, apontavam a solidão como uma das possíveis consequências da dependência do uso problemático do aparelho do *smartphone* (TAN; PAMUK; DÖNDER, 2013). Contudo, não havia estudos contundentes que contemplassem as três variáveis de forma única em uma análise.

Ademais, foram realizadas buscas utilizando os termos “*Smartphone Addiction*”, “*Problematic Smartphone Use*” e “*Loneliness*” nas principais bases de dados, banco de teses e dissertações da CAPES e periódicos. À título de exemplo, na plataforma SCOPUS, nos últimos 11 anos foram localizados apenas 44 artigos (apenas 3 na área da administração), e cabe salientar, que 27 destes foram nos 2 últimos anos, mostrando o quão emergente e necessário é a temática para os dias de hoje. Na plataforma *Web Of Science* foram compulsadas 21 pesquisas nos últimos 6 anos, porém muitas destas na área da medicina, enfermagem e psicologia. Não obstante, na plataforma SciELO, encontrou-se 40 artigos publicados, sem distinção de período, e destes apenas um em área estrita da administração, sendo que os demais localizados, eram categorizados em conjunto com a área da saúde.

Por fim, cabe pontuar que a área da administração deve se atentar cada vez mais a problemáticas como esta, uma vez que possui propriedade para dissertar sobre o uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e das Tecnologias de Informação Móveis e Sem fio (TIMS) e ainda, o dever de compreender as consequências geradas aos usuários, sejam consequências expressas, ou consequências subjetivas, como, por exemplo, a depressão, a nomofobia, a ansiedade, e ainda a solidão.

1.4 Estrutura da dissertação

Esta dissertação de mestrado possui as seguintes seções: a introdução; problemática da pesquisa, os objetivos; o referencial teórico que está subdividido da seguinte forma: a) Da Tecnologia às TIMS: do avanço surge o *smartphone*; b) O mau uso do *Smartphone*; c) As TIMS e o sentimento da solidão. Na sequência, o percurso metodológico utilizado e cada uma de suas etapas, conseqüentemente será exposto a análise do estudo diante os objetivos. Por fim, apresentar-se-á a consideração final, que é composta pelas discussões teórico-práticas; após, as referências; os apêndices, findando a presente dissertação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção apresentará os autores, conceitos e estudos que proporcionaram a fundamentação teórica para a presente pesquisa. Tendo em vista o contexto já apresentado, onde cresce cada vez mais o uso de aparelhos *smartphone*, independente da função atribuída, cabe discutir acerca das consequências do uso excessivo na sociedade, sobretudo no indivíduo. A partir dos seguintes aspectos teóricos: Da Tecnologia às TIMS: do avanço surge o *smartphone*; O mau uso do *Smartphone*; As TIMS e o sentimento da solidão.

2.1 Da Tecnologia às TIMS: do avanço surge o *smartphone*

Em um primeiro momento, perfaz a necessidade de abordar alguns aspectos históricos para elucidar a influência das TICs no processo de desenvolvimento social e econômico no Brasil. Conforme Castells (1999) apresentava em seus estudos, a tecnologia da informação era uma espécie de sinônimo de progresso, como ficou evidente das revoluções industriais, haja visto que ambas (final do século XVIII e a segunda, após cem anos) desprendem estudos relacionados à tecnologia para a criação de equipamentos eletrônicos e motores, e ainda, buscavam disseminar as informações de maneira mais eficaz e célere (PEREIRA; SILVA, 2020).

Por conseguinte, esta analogia aos períodos de revoluções industriais e seus progressos servem para demonstrar que somente foi possível em virtude do desenvolvimento tecnológico, produzido, distribuído e comunicado (CASTELLS, 1999). Dando sequência aos marcos históricos, outro ponto de suma relevância ao tema foi a Revolução Tecnológica, após a Segunda Guerra Mundial, que veio para modificar aspectos da vida cotidiana dos indivíduos (PEREIRA; SILVA, 2020).

Outro autor que corrobora com a presente pauta é Werthein (2000), ao ratificar e explicar o conceito de “sociedade da informação” de uma forma mais objetiva, referenciando que os avanços tecnológicos somente teriam impactos transformadores para o desenvolvimento, quando informados; preocupação esta que foi vital para mudar a quantidade, qualidade e velocidade das informações (WERTHEIN, 2000).

Embora Castells (1999) elenque grandes marcos da revolução tecnológica, a outros marcos que cabe referenciar devido a tamanha influência para o desenvolvimento das TICs, tais como o planejamento do Departamento de Defesa Norte Americano (década de 50) em criar um sistema que, mesmo diante de um ataque ou bombardeio, não fosse afetado, tendo uma base não territorial de dados, podendo ser acessada de outros locais; ou ainda, o ARPANET (em 1969), primeiro projeto de conexão que servia como sistema de integração de

diferentes computadores; e por fim, o principal acontecimento foi a efetiva criação do que conhecemos nos dias de hoje como *Internet*, em 1990, através do sistema WWW (*World Wide Web*) e HTML (*Hypertext Markup Language*).

Contudo, nos dias de hoje, nota-se que as TICs ocasionaram inúmeras modificações na sociedade, moldando comportamentos, hábitos e, ainda, construindo padrões. Vejamos o que Pereira e Silva (2020) escrevem:

A evolução das TICs não provocou mudanças apenas nas áreas de tecnologia e comunicação, mas em diversas áreas do conhecimento humano. As TICs foram responsáveis por alterações de conduta, de costumes, de consumo, no lazer, nas relações entre os indivíduos e nas formas como eles se comunicam (PEREIRA; SILVA, 2020, p. 171).

Não obstante, estas alterações nas condutas e costumes que ocorrem na vida social, são institucionalizadas nos indivíduos de maneira tão sutil que se tornam imperceptíveis nas pequenas ações cotidianas (WEISER, 1991; KAKIHARA; SORENSEN, 2001; CORSO, 2013). A título de exemplo: a leitura de uma notícia; uma mensagem com pessoas próximas; uma busca por entretenimento e entre outras condutas que são inseridas nas tarefas diárias em decorrência das TIMS. Na sequência, apresentar-se-á as classificações das tecnologias da informação, posteriormente aprofundar-se-á na tecnologia da informação atinente ao tema dessa pesquisa, o *smartphone*.

2.1.1 Classificação das Tecnologias de Informação

Para compreender este elemento modificador social que são as tecnologias da informação, é necessário conceituar as diferentes tecnologias da informação, vejamos:

Quadro 1 – Diferentes tipos de TI

(continua)

TIPO	DEFINIÇÃO	AUTOR(ES)
Tecnologias de Informação Móveis (<i>mobile</i>)	É a capacidade de portar um dispositivo, podendo levá-lo para qualquer lugar, desenvolvido para ser usado em movimento.	Kalakota e Robinson (2002)
Tecnologias de Informação Sem Fio (<i>wireless</i>)	São dispositivos conectados a uma rede ou a outro aparelho, mediante <i>links</i> de comunicação sem fio, ou redes de telefonia, e ainda transmissão de dados via satélite. Exemplo: Infravermelho (<i>infrared - IR</i>), <i>Bluetooth</i> , <i>Wireless LAN</i> (Rede Local sem fio) e <i>Wi-Max</i> (<i>Telecomweb</i> , 2004).	Bobak (2001)
Tecnologias de Informação Ubíquas (<i>ubiquitous</i>)	Esta tecnologia transcende a necessidade de portar determinado dispositivo, podendo assim, acessar informações em qualquer lugar, ou seja, está onipresente no cotidiano.	Saccol e Reinhard (2007)

Tecnologias de Informação Nômades (<i>nomadic</i>)	Tais tecnologias prezam pela mobilidade, serviços/infraestrutura em larga escala e a convergência. Logo, essas TIs ponderam no seu uso a mobilidade física, mas também, social.	Lyytinen e Yoo (2002)
--	---	-----------------------

Fonte: autoria própria (2022) com base em Bobak (2001); Kalakota e Robinson (2002); Lyytinen e Yoo (2002); e Saccol e Reinhard (2007).

Diante as inúmeras conceituações e classificações existentes no universo das Tecnologias da Informação, para o desenvolvimento deste estudo, julgou-se pertinente apropriar-se das diretrizes de Tarasewich, Nickerson e Warketing (2001) que vislumbram as Tecnologias da Informação Móveis e as Tecnologias da Informação Sem Fio como sinônimas (TARASEWICH; NICKERSON; WARKETING, 2001), na medida possuem a mesma finalidade, fomentar a concepção de uma tecnologia de informação não fixa a um ponto específico.

2.1.2 Tecnologias de Informação Móveis Sem Fio (TIMS)

A luz do conhecimento, consideram-se Tecnologias de Informação Móveis Sem Fio, aparelhos como *laptops*, telefones inteligentes, *Ipad*, *Tablet*, *Smart Watch*, etc; os quais não necessariamente necessitam estar conectados a uma rede para garantir o desenvolvimento e realização da funcionalidades (DEKLEVA, 2004).

As TIMS, nos últimos anos, obtiveram uma grande expansão, facilmente percebida pela maneira em como as pessoas estão consumindo os aparelhos, produzindo e compartilhando as informações (BANDEIRA, 2019). Ademais, pode-se dizer que o aparelho celular (principal TIMS) tem se tornado um grande símbolo do séc. XXI, haja visto o que tem a oferecer aos usuários: facilidade para conversas, acesso às redes sociais, aplicativos bancários, além de ser um acessório pessoal (SHAMBARE; RUGIMBANA; ZHOWA, 2012).

Não obstante, há outros benefícios práticos dispostos aos usuários, ao passo que os telefones celulares, *smartphones* e *notebooks*, também facilitam a comunicação, tornando cada vez mais dinâmica, independente do lugar em que a pessoa se encontra (ZHENG; YUAN, 2007). Desta forma, faz com que tenha-se uma sociedade muito mais prática, dinâmica e interativa, pois é possível o compartilhamento em tempo real do que está acontecendo, graças ao advento dessas tecnologias (LEMOS, 2009).

Partindo do pressuposto que cada vez mais indivíduos utilizam das tecnologias de informação móveis e sem fio para o cotidiano, a mobilidade passou a integrar a cultura contemporânea nos seus mais diversificados aspectos e esferas da sociedade, como o trabalho,

o consumo, a educação, a gestão política, as atividades militares e policiais, o lazer e entretenimento (CORSO; BEHR; FREITAS, 2015).

2.1.3 *Smartphone*: a definição

Inicialmente, na busca de estabelecer uma discussão teórica sobre o uso do *smartphone*, perfaz a necessidade de compreendermos a terminologia desta palavra; em sentido literal a tradução do idioma inglês para o português significa “telefone inteligente”, justamente por levar em consideração a alta capacidade de processamento destes dispositivos (COUTINHO, 2014).

Lemos (2009) elucida algumas diferentes definições sobre os dispositivos, partindo do pressuposto que o “telefone celular” é vital na área da tecnologia de comunicação, sendo ele capaz de agregar diversas funcionalidades do telefone fixo, computador, máquina de fotografia, câmera, GPS e entre outras funcionalidades (LEMOS, 2009). Todavia, Coutinho (2014) ratifica Lemos (2009) ao dissertar que as características atribuídas aos aparelhos de telefone “*mobile*” são insuficientes para compreender a essência do emergente tema que é o *smartphone*.

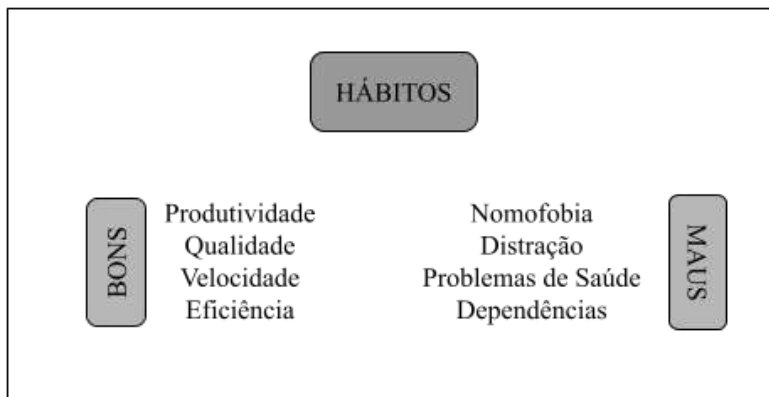
Os autores Theoharidou, Mylonas e Gritzaldis (2012), membros do Departamento de Informática da *Athens University of Economics and Business* (AUEB) conceituam “*smartphone*” como:

[...] um celular com capacidade avançada, que executa um sistema operacional identificável permitindo aos usuários estenderem suas funcionalidades com aplicações terceiras que estão disponíveis em uma loja de aplicativos [...] devem incluir um hardware sofisticado com: a) capacidade de processamento avançada (CPUs modernas, sensores) b) Capacidade de conexões múltiplas e rápidas (Wi-Fi, HSDPA) e c) tamanho de tela adequado e limitado. Além disso, seu Sistema Operacional deve ser claramente identificável, como *Android*, *Blackberry*, *Windows Phone*, *Apple`s IOS*, etc. (THEOHARIDOU; MYLONAS; GRITZALDIS, 2012, p. 3). [tradução autoral]

Ademais, são inúmeras as funcionalidades dos *smartphones*: efetuar ligações, trocar *e-mail*, enviar arquivos, fazer pesquisas em *sites* de busca, interagir em redes sociais, produzir conteúdo, etc. Quanto mais utilizar estas funcionalidades no cotidiano, mais os usuários estão suscetíveis a sofrer alterações nas suas formas de se relacionar com os outros, mas também, na forma como se relaciona com o aparelho móvel (BANDEIRA, 2019).

Cabe considerar que há uma linha muito tênue existente entre os pontos positivos e os negativos no uso das TIMS, pois na medida em que alguns indivíduos utilizam de maneira correta, alguns usuários nem sempre possuem discernimento para se manterem apenas no uso coerente. Anshari et al. (2016) já alertavam sobre esses bons hábitos e os maus hábitos:

Figura 2 – Classificação dos hábitos decorrentes do uso de *smartphones*

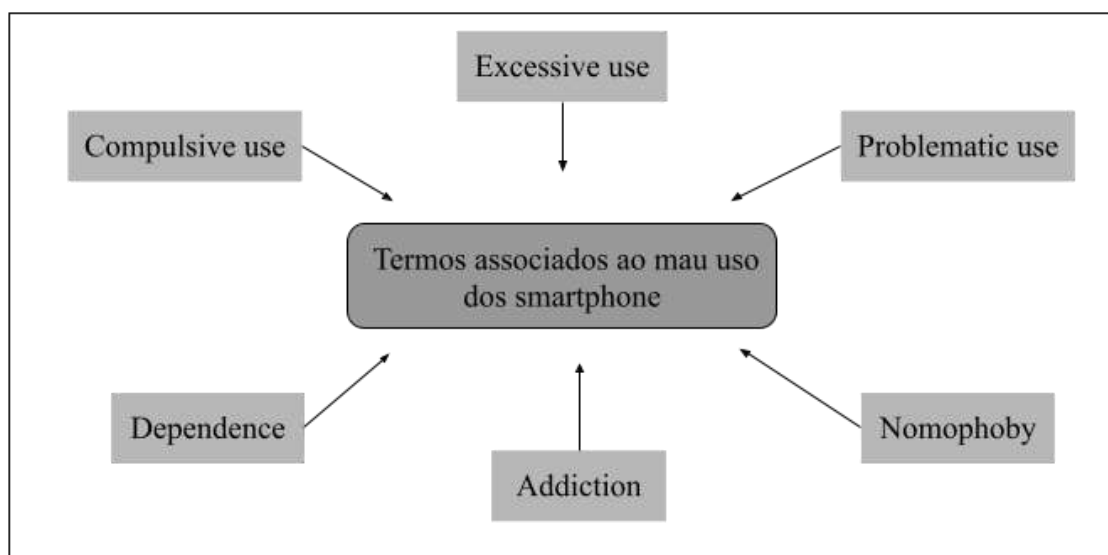


Fonte: Muhammad Anshari et al. (2016), adaptação autoral (2022).

2.2 O mau uso do *Smartphone*

Diante das inúmeras retificações e adaptações conceituais e teóricas sobre o mau uso dos aparelhos de *smartphone*, por diferentes autores e com diferentes definições, muito se perde na fundamentação dos estudos posteriores que buscam estabelecer uma linha lógica de raciocínio. Pensando nesta questão, para elucidar os diferentes termos que compõem as práticas de mau uso, elaborou-se o “jogo de palavras” que contempla algumas das terminologias:

Figura 3 – Termos sinônimos de mau uso do *smartphone*



Fonte: Autoria própria (2022) com base em Bandeira (2019).

O *smartphone* pode ser usado para diversas funcionalidades, o grande problema emerge quando passa de um uso normal para um uso anormal. Tratando-se de uma tecnologia

que os indivíduos possuem na palma de sua mão o acesso à conexão boa, parte das vezes, os usuários desenvolvem um comportamento patológico, o da dependência pela conectividade (MICK, FOURNIER, 1998; JARVENPAA; LANG, 2005; CORSO, 2013).

Conforme Oliveira (2012) e Amorim (2020), a dependência comportamental é decorrente de uma prática repetitiva que gera o sentimento de gratificação/satisfação no indivíduo. Ao passo que os indivíduos estão inserindo cada vez mais os *smartphone* nas suas práticas diárias, os usuários ficam mais suscetíveis a olhar, mexer e operacionalizar os aparelhos a todo instante, ocasionando assim uma dependência até mesmo imperceptível na concepção dos usuários das TIMS.

Os aparelhos celulares oferecem muitos avanços e contribuições aos usuários, ademais, outra precisa conceituação encontrada na literatura é oriunda dos estudos de Anshari et al. (2016) que destacam acerca do uso do aparelho *smartphone*:

O principal uso de *smartphones* é para comunicação. No entanto, através do rápido avanço tecnológico, eles agora são usados para outros fins, como entretenimento, pagamento de contas, gravações de áudio e câmera e navegação na internet. Esses *smartphones* foram adotados por todas as faixas etárias, jovens e idosos e provavelmente se tornarão um vício para ambas as gerações (ANSHARI et al., 2016).

Como se pode notar, Anshari et al. (2016) já sinalizavam a preocupação e a possibilidade deste uso tornar-se um vício em dadas gerações. Cabe compreender que nem todo o indivíduo é racional e detentor de pleno discernimento cognitivo para mensurar se está ou não desenvolvendo uma dependência patológica.

No que tange aos jovens em período escolar, percebe-se um grande engajamento em Redes Sociais (*Facebook, Twitter, WhatsApp, etc.*) com a finalidade de interação, todavia, nota-se que a comunicação interpessoal física tem caído dentre estes usuários (NAZRI; LATIFF, 2013). Nesta vertente, Anshari et al. (2016) demonstraram, por suas pesquisas, que o rendimento escolar de jovens que dispõem diariamente muito tempo de uso no *Facebook* é menor quando comparado com jovens que não dispõem muito tempo na rede social (ANSHARI et al., 2016).

Existem ainda diversos outros apontamentos possíveis a fazer em relação ao uso abusivo de *smartphones* nos dias de hoje. Situações corriqueiras que às vezes não são abordadas com a devida gravidade, mas que são somente percebidas depois que gerou graves consequências, Kwon et al. (2013) pontuam algumas destas situações errôneas que são cometidas no cotidiano e que servem como um alerta do uso abusivo no *smartphone*, sendo elas: atravessar uma rua enquanto assiste um vídeo no aparelho, avançar o sinal enquanto

responde alguma mensagem, não impor regras e limites aos jogos infantis, entre outras práticas realizadas (KWON et al., 2013).

Sabe-se que o *smartphone* ocupa o papel do antigo computador, por facilitar o acesso à *internet*, seja pela praticidade ou portabilidade. O problema passa a se tornar grave, quando usuários passam a ver no aparelho *smartphone*, em detrimento da dependência, a chance de minimizar a sensação da solidão, da frustração e do tédio. E assim como a *internet*, o *smartphone*, por ser de mais fácil acesso, pode acarretar maior dependência, fomentando problemas físicos e psicológicos da mesma forma que a *internet* (KWON et al., 2013).

Ao dissertar sobre alguns destes problemas oriundos do uso abusivo do aparelho *smartphone*, afirma-se que os mais recorrentes são: a impulsividade, manifestada grande parte das vezes, em jogos de azar, influência negativa no desempenho escolar, redução no desempenho acadêmico, dificuldades de relacionamento, visão nebulosa, e, até mesmo, dor nos pulsos e atrás do pescoço (MOK et al., 2014, ORTEGA; CORSO; MOREIRA, 2020).

Quanto ao perfil dos usuários mais propensos a desenvolver a dependência de *smartphone*, Picon et al. (2015), por meio dos seus estudos, enfatizam que as mulheres são alvos mais propensos a possuir dependência, visto que são a maioria entre os usuários de aparelhos *smartphone* (PICON et al., 2015). Subsequente às mulheres, outra categoria que possui muita propensão a desenvolver a dependência são os mais jovens, pelo fato que, desde o nascimento, já possuem contato com as TIMS e com os “aparelhos inteligentes” (SILVA, 2015; ORTEGA; CORSO; MOREIRA, 2020).

Embora existam algumas categorias de indivíduos mais propensas a desenvolver a dependência, deve-se ponderar um importante fator, outros elementos subjetivos podem fomentar este mau uso do *smartphone*. Park (2005), buscando outros elementos subjetivos que podem estar relacionados com a dependência, aponta o sentimento da solidão; sendo que os indivíduos considerados mais solitários, tendem a ver no *smartphone* a maneira de mitigar a carência social e a falta de entretenimento (PARK, 2005).

Ademais, a relação das TICs (à época do seu surgimento) com a solidão sempre foram comentadas em diversas áreas como já exposto nas seções introdutórias deste estudo. Todavia, tendo em vista de que não há um consenso, apresenta-se na sequência um quadro conceitual com as principais hipóteses de relações entre a solidão e as TIMS, hipóteses estas que na próxima sessão serão melhor discutidas.

Quadro 2 – Teorias acerca da relação entre a solidão e as TIMS

TEORIA	AUTOR(ES)
A solidão é o início e a dependência é o fim, que estes indivíduos se tornam dependentes justamente para não ter que socializar em ambientes reais.	Reid; Reid (2007); Takao; Takahashi; Kitamura (2009)
A solidão é como uma consequência do uso excessivo, devido ao desinteresse em uma comunicação face a face.	Tan; Pamuk; Donder (2013)
O uso excessivo do <i>smartphone</i> é um auto tratamento para as pessoas que experienciam a sensação da solidão em decorrência de outros sentimentos incômodos, ou seja, veem a solidão como rota de fuga e operacionalizam por meio do <i>smartphone</i> .	Darcin et al. (2016)

Fonte: autoria própria (2022), com base em Reid; Reid (2007); Takao; Takahashi; Kitamura (2009); Tan; Pamuk; Donder (2013) e Darcin et al. (2016).

Por fim, no próximo item será exposto aspectos em profundidade das eventuais relações entre a dependência de *smartphone* e o sentimento da solidão de forma mais específica, de modo que possibilitará a exposição das hipóteses desta pesquisa.

2.3 As TIMS e o sentimento da solidão

O sentimento de solidão, como já apresentado na justificativa deste estudo, sempre foi algo motivador de inúmeras pesquisas. Dentre os estudos, há muitos em que os autores relacionam a solidão como complementar, motivadora ou mediadora para o surgimento de outros sentimentos e comportamentos patológicos. Na sequência apresentar-se-á alguns outros sentimentos associados à solidão, bem como os autores que contribuíram para a discussão.

Quadro 3 – A solidão e as suas associações

(continua)

SENTIMENTO	AUTOR(ES)
Alexitimia ²	Koçak, 2003; Özdemir; Güre & Güre, 2011; Qualter; Quinton; Wagner & Brown, 2009
Auto-estima	Brage; Meredith & Woodward, 1993; Gülo lu & Kararmak, 2010; Süba, 2007; Yaacob; Juhari; Talib & Uba, 2009
Depressão	Anderson & Arnoult, 1985; Brage; Meredith & Woodward, 1993; Ceyhan & Ceyhan, 2011; Nangle; Erdley; Newman; Mason e Carpenter, 2003; Rotenberg & Flood, 1999; Ünal & Bilge, 2005; Wang; Yuen e Slaney, 2009; Wei; Russel & Zakalik, 2005; Yaacob; Juhari; Talib & Uba, 2009
Desesperança	Chang; Sanna; Hirsch & Jeglic, 2010; Krmolu; Filazo lu-Çokluk & Y ld rm, 2010; Pehlivan; Ovayolu; Ovayolu; Sevinç & Camci, 2012; Ruchkin; Eisemann

² Conforme Qualter et al. (2009) a alexitimia é a incapacidade do indivíduo demonstrar os seus sentimentos e suas emoções para demais indivíduos.

	& Hägglöf, 1999
Estresse	Yaacob; Juhari; Talib & Uba, 2009
Timidez	Anderson & Arnoult, 1985; Erözkan, 2009; Ba, 2010
Vício em Internet	Durak-Bat gün & Hasta, 2010; Esen & Siyez, 2011, Kim et al., 2014
Vício em Celular	Jin & Park, 2013; Reid & Reid, 2007; Ar, 2013; Takao; Takahashi & Kitamura, 2009; Wei & Lo, 2006

Fonte: autoria própria (2022).

Todavia, de forma introdutória, perfaz a necessidade de compreender mais acerca desta palavra, bem como, deste sentimento que muitas vezes é externalizado de forma silenciosa e nem sempre é percebido.

A solidão é algo extremamente debatido na literatura. À luz do conhecimento, abordaremos nesta seção alguns aspectos gerais sobre a percepção e conceituação da definição e ainda, dialogar-se-á com esta importante pauta e a sua relação com o uso do aparelho *smartphone*. Inicialmente, pode-se dizer que a solidão é resultado da diferença entre os níveis desejados e os níveis alcançados de contato social (PERMAN; PEPLAU, 1981; TAN; PAMUK; DÖNDER, 2013).

O sentimento da solidão associa-se a outros inúmeros sentimentos negativos e problemas, tais como, agressões, alcoolismo, ansiedade social, autoconsciência, depressão, doenças físicas, insucesso acadêmico ou profissional, entre outros (PERMAN; PEPLAU, 1981). Ademais, ela pode ainda estar associada e, até mesmo, manifestar-se por meio de sensações crônicas de cansaço, dor e tensão (GERSTEIN; TESSER, 1987). Desta forma, afetam diretamente a saúde mental do indivíduo, gerando abalo no funcionamento e estrutura psicológica (MCWHIRTER, 1990).

O indivíduo, quando se encontra em situação psicológica debilitada ou fragilizada, é mais suscetível a um uso errôneo das TIMS. Conforme Kim et al. (2014) já destacavam, as pessoas portadoras de ansiedade social, impulsividade ou solidão, são mais propensas ao vício em *internet* (KIM et al., 2014). Insta salientar, que abordar como sinônimos os termos dependência em *internet* e dependência em *smartphone* não está equivocado, uma vez que ambas as dependências são motivadas pelos mesmos aspectos e se pode ver, o *smartphone* como a principal plataforma de acesso à internet a muitos usuários (DARCIN et al., 2016).

São vários os cenários, antigos atuais, que associam a solidão e o uso dos aparelhos de *smartphone*, estudos como os de Takao, Takahashi e Kitamura (2009) mostram uma grande tendência de as pessoas solitárias usarem mais os aparelhos para efetuarem ligações a

fim de mitigar a ausência social presencial em que se encontram (TAKAO; TAKAHASHI; KITAMURA, 2009). Jin e Park (2013) estabeleceram uma importante descoberta, pois aqueles indivíduos que possuem mais contato diário e relações face a face, encontram-se com menores indicadores de solidão (JIN; PARK, 2013).

Outrossim, importantes contribuições sobre a temática foram realizadas pelos estudos oriundos de uma universidade na Turquia -país onde há o maior número de pesquisa sobre o tema da solidão-, que apresentam a solidão como ambíguo, ao passo que, hora pode ser uma causa, hora pode ser um efeito (YAYAN; DAG; DÜKEN, 2019).

Instigados em desconstruir a ideia de ambiguidade da solidão e o uso problemático das TIMS, os autores analisaram o contexto de crianças e jovens da Turquia, que se encontravam em condições desfavoráveis de trabalho, convivendo apenas com adultos e colegas profissionais. Concluíram que a solidão oriunda deste contexto, fez com que os jovens utilizassem mais os aparelhos de *smartphone*, tornando-os dependentes; logo a solidão foi a causa e a dependência foi a consequência (YAYAN; DAG; DÜKEN, 2019).

Não obstante, outro ponto a considerar é que indivíduos em condições de fragilidade emocional, solitários, com baixa autoestima, baixa motivação, medo de rejeição e depressão, possuem maior propensão a um uso excessivo da internet (SEYREK et al., 2017). Corroborando, assim, para a concepção de que a solidão pode sim ser o elemento causador e não apenas a consequência do uso problemático das Tecnologias de Informação Móveis Sem fio.

Para elucidar ainda mais a possível influência da solidão como elemento fomentador do uso excessivo, bem como, posterior propulsor do uso problemático, Kayis et al. (2021) analisaram, diante o advento da Pandemia da COVID-19, que houve um grande aumento de indivíduos que passaram a dispensar muito mais tempo para o uso de aparelhos *smartphones* (KAYIS et al., 2021). Todavia, o estudo ratifica que os indivíduos solitários se tornaram usuários mais assíduos com mais tempo de uso nos aparelhos *smartphone*, mas não se adentrou a descobrir se todos estes usuários, usam o aparelho de forma problemática.

De forma complementar, os autores Jiang, Li e Shypenka (2018), dissertam que o sentimento de solidão em indivíduos, faz com que os aparelhos de *smartphone* tornem-se ferramentas mais recorrentes, com o objetivo principal de neutralizar o sentimento da solidão (JIANG; LI; SHYPENKA, 2018). Posto isso, há algumas formas de referenciar a prática do uso excessivo de aparelhos de *smartphones* por indivíduos solitários, sendo elas: uma fuga da realidade face a face; uma tentativa de aproximação social levando em consideração um

contexto prejudicial do usuário; ou até mesmo, por considerar o uso de aparelho de *smartphone* um tratamento para retornar ao convívio interpessoal presencial.

Por fim, após a explanação desse referencial teórico, que apresentou aspectos conceituais sobre as TICs, TIMS, uso excessivo de *smartphone*, uso problemático de *smartphone* (dependência) e a solidão; tornando assim, necessária a compreensão da relação existente, ou não, entre eles, de tal forma que se consiga chegar a uma discussão técnica e perspicaz. Na sequência, apresentar-se-á o desenho da pesquisa expondo as principais variáveis, bem como, posteriormente, as hipóteses a serem investigadas no presente estudo.

2.4 Hipóteses da Pesquisa

Apresentar-se-á às hipóteses da pesquisa. Para tal, veja-se a Tabela 1, que elucida os autores que deram sustentação a cada uma das hipóteses, bem como, suas contribuições e entendimentos na pauta.

Tabela 1 – Hipóteses da Pesquisa

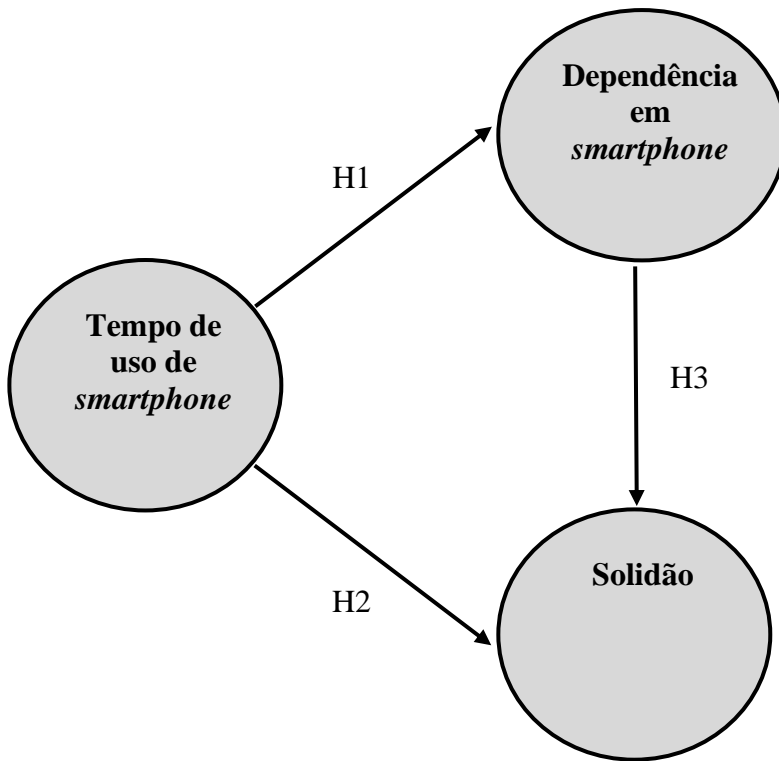
H1: Quanto maior o tempo de uso do <i>smartphone</i> , maior a propensão para a dependência de <i>smartphone</i> .	
Autor(es)	Fator observado/contribuição
Mick; Fournier (1998); Jarvenpaa; Iang (2005); Corso (2013).	Em decorrência do fácil acesso que os indivíduos possuem com o aparelho de <i>smartphone</i> , bem como a conexão à <i>internet</i> quase que a todo o instante, os usuários tendem a usar os <i>smartphones</i> para atividades mais corriqueiras do dia a dia como uma forma de tentar otimizar tempo e aprimorar a qualidade, todavia são muitas as pesquisas que ratificam a propensão da dependência, na medida em que o uso se torna tão sutil e imperceptível nas práticas diárias.
Oliveira (2012); Amorim (2020).	O fato de repetir várias vezes a mesma atividade no dia, tais como, ver o horário, conferir o clima, acompanhar aplicativos de mensagens, entre outras práticas, com o passar do tempo tais condutas passam a gerar o sentimento de gratificação/satisfação, aumentando assim a incidência de dependência em <i>smartphone</i> .
H2: quanto maior o tempo de uso do <i>smartphone</i> , maior a propensão para a solidão.	
Autor(es)	Fator observado/contribuição
Park (2005)	Os indivíduos que usam o celular excessivamente possivelmente é para mitigar carências e a falta de entretenimento do dia a dia.
Darcin et al. (2016)	Os usuários com altos índices de solidão são mais propensos a usar em excesso o <i>smartphone</i> para fugir das suas relações insatisfatórias que possui no seu cotidiano, seja no meio profissional, pessoal ou de lazer/cultural.
Tan; Pamuk; Donder (2013)	O uso excessivo dar-se pela tentativa do usuário em fugir da realidade e não ter que comunicar-se face a face.
Seyrek et al. (2017)	Reforça a concepção que os indivíduos em condições de instabilidade emocional, baixa autoestima, baixa motivação, depressão e entre outros, tornam os indivíduos usuários mais frequentes da <i>internet/smartphones</i> .
H3: Quanto maior Dependência, maior a propensão para a solidão.	
Autor(es)	Fator observado/contribuição
Reid; Reid (2007); Takao; Takahashi; Kitamura (2009)	Os indivíduos mais solitários detêm a aumentar a sua socialização nas redes sociais e aplicativos de conversa, justamente para não ter que socializar em ambientes reais devido às suas angústias emocionais.
Kim et al. (2014)	Pessoas que possuem inseguranças e dependência em algo, elas são mais propensas a resguardar-se das práticas de interação social, tornando-se assim mais solitárias.

Fonte: autoria própria (2022).

2.5 Desenho da Pesquisa

Após delineadas as hipóteses propostas para o desenvolvimento da pesquisa, apresenta-se, na Figura 4, o modelo da pesquisa.

Figura 4 – Desenho da Pesquisa



Fonte: autoria própria (2022).

3 MÉTODO DA PESQUISA

Nesta seção serão expostos os procedimentos metodológicos adotados, a fim de se obter as respostas para a resolução dos objetivos do estudo. De forma a facilitar o entendimento e detalhar os procedimentos metodológicos utilizados, elaborou-se as seguintes subdivisões da metodologia: 3.1) Categorização da Pesquisa; 3.2) Método de Pesquisa; 3.3) Técnica de Coleta de Dados; 3.4) Pré-teste; 3.5) Categorização da Amostra; 3.6) Técnica de Análise dos Dados; e 3.7) Desenho Metodológico.

3.1 Categorização da Pesquisa

Considerando os objetivos da presente pesquisa, o estudo figura-se como descritivo. Conforme Bidarte (2018), a pesquisa descritiva propicia ao estudo inúmeros benefícios em face de um fenômeno, dentre eles, “observar, conhecer, registrar, descrever e analisar”, para que assim possa verificar possíveis conexões com outros fenômenos (BIDARTE, 2018, p. 54). Corroborando com os objetivos propostos, que é justamente ver a possível conexão entre os fenômenos da solidão, uso do aparelho de *smartphone* e a dependência de aparelho de *smartphone*.

Não obstante, para Hair et al. (2005), a pesquisa descritiva é vital para que possa compreender uma problemática, um contexto ou uma situação em específico com base no recorrido pela literatura. Quanto à abordagem da pesquisa, classifica-se como quantitativa, com dados primários, advindos do levantamento tipo *Survey*. Posteriormente, será exposto a análise descritiva do perfil sociodemográfico da amostra. Todavia, a concretização da presente pesquisa, dar-se-á por meio do resultado do teste das hipóteses oriundas da regressão linear simples (HAIR et al., 2005).

3.2 Método de Pesquisa

No que tange a metodologia da pesquisa, optou-se pelo levantamento de dados do tipo *Survey*, haja visto que o questionário é uma das principais formas de se obter dados, quando se necessita de uma grande amostra de indivíduos respondentes (HAIR et al., 2005). Não obstante, Creswell (2010) já ratificou o quão benéfico os questionários podem ser aos estudos quantitativos, uma vez que fornecem dados mais objetivos para a formulação de ideias a partir da resposta dos participantes (CRESWELL, 2010).

Os dados da presente pesquisa, foram coletados de forma individual na modalidade virtual, o qual contou com respondentes, em sua maioria, usuários de *smartphone*. O questionário foi divulgado de forma estratégica, a fim de atingir o público alvo. Cabe ratificar

que esta escolha do levantamento de dados pelo tipo *Survey*, embasou-se nas diretrizes conforme a literatura (HAIR et al., 2005).

Dentre tantos os benefícios propiciados pelo tipo *Survey*, Hair et al. (2005) ainda destacam, a praticidade, a rapidez e, também, o baixo custo ao pesquisador, uma vez que não demanda de equipamentos específicos (HAIR et al., 2005). Por fim, o método deu-se desta forma, pensando na padronização das respostas, bem como, na uniformização que será possível estabelecer na análise (FLICK, 2013).

3.3 Técnica de Coleta de Dados

A “*Smartphone Addiction Scale*” ou Escala de Dependência em *Smartphone* (SAS-SV) é um instrumento originalmente desenvolvido por pesquisadores da Coreia do Sul, validado e com amplo reconhecimento (KWON et al., 2013). A presente escala visa mensurar a dependência em *smartphones*, possui um formato *Likert* de cinco pontos, com base no autorrelato.

Quadro 4 – Variáveis do construto de dependência em *smartphone*

(continua)

IND.	ESCALA ORIGINAL	TRADUÇÃO ADAPTADA AO CONTEXTO
DEP01	<i>Missing planned work due to smartphone use.</i>	Não consigo planejar minhas atividades devido ao uso do celular.
DEP02	<i>Having a hard time concentrating in class, while doing assignments, or while working due to smartphone use.</i>	Eu tenho dificuldade em me concentrar, ao fazer tarefas ou ao trabalhar devido ao uso do celular.
DEP03	<i>Feeling pain in the wrists or at the back of the neck while using a smartphone.</i>	Eu sinto dor nos pulsos ou na nuca quando uso um celular.
DEP04	<i>Won't be able to stand not having a smartphone.</i>	Não vou aguentar ficar sem um celular.
DEP05	<i>Feeling impatient and fretful when I am not holding my smartphone.</i>	Eu me sinto impaciente e irritado quando não estou segurando meu celular.
DEP06	<i>Having my smartphone in my mind even when I am not using it.</i>	Eu tenho meu celular em mente mesmo quando não estou usando.
DEP07	<i>I will never give up using my smartphone even when my daily life is already greatly affected by it.</i>	Eu não vou parar de usar meu celular mesmo quando meu dia a dia já estiver bastante afetado por ele.
DEP08	<i>Constantly checking my smartphone so as not to miss conversations between other people on</i>	Eu verifico constantemente meu celular para não perder conversas entre outras pessoas nas redes

	<i>Twitter or Facebook.</i>	sociais (<i>WhatsApp, Facebook, Instagram</i> e outras).
DEP09	<i>Using my smartphone longer than I had intended.</i>	Eu uso meu celular por mais tempo do que eu pretendia.
DEP10	<i>The people around me tell me that I use my smartphone too much.</i>	As pessoas ao meu redor me dizem que uso de mais meu celular.

Fonte: autoria própria (2022), com base em Kwon et al. (2013).

À luz do conhecimento, cabe referenciar que a escala é no idioma inglês americano, todavia passou pelo procedimento de tradução por dois profissionais, sendo uma Docente, universitária do curso de letras e uma Professora de um curso de idiomas.

Acerca da solidão, mensurou-se através da Escala Brasileira de Solidão (UCLA), esta que foi revisada pelos próprios autores no ano de 1980 e devidamente validada (RUSSELL; PEPLAU; CUTRONA, 1980). O instrumento original é composto por 20 itens, sendo:

Quadro 5 – Variáveis do construto de solidão

(continua)

INDICADOR	ITEM
SOL01	Eu me sinto infeliz por fazer tantas coisas sozinho(a).
SOL02	Eu não tolero ficar tão sozinho(a).
SOL03	Eu sinto que não tenho companhia.
SOL04	Eu sinto que ninguém me compreende.
SOL05	Eu fico esperando as pessoas me ligarem ou escreverem.
SOL06	Eu sinto que não tenho ninguém a quem eu possa recorrer.
SOL07	Eu não me sinto próximo(a) a ninguém.
SOL08	Sinto que meus interesses e ideias não são compartilhados por aqueles que me rodeiam.
SOL09	Eu me sinto excluído(a).
SOL10	Eu me sinto completamente sozinho(a).
SOL11	Eu sou incapaz de me aproximar e de me comunicar com as pessoas ao meu redor.
SOL12	Eu sinto que minhas relações sociais são superficiais.
SOL13	Eu me sinto carente de companhia.

SOL14	Eu sinto que ninguém me conhece realmente bem.
SOL15	Eu me sinto isolado(a) das outras pessoas.
SOL16	Sou infeliz estando tão excluído(a).
SOL17	Pra mim é difícil fazer amigos. .
SOL18	Eu me sinto bloqueado(a) e excluído(a) por outras pessoas.
SOL19	Sinto que as pessoas estão ao meu redor, mas não estão comigo.
SOL20	Eu me sinto incomodado em realizar atividades sozinho(a).

Fonte: autoria própria com base nos autores Russell; Peplau; Cutrona (1980); Barroso et al. (2016).

Insta salientar que Barroso et al. (2016) investigaram e validaram a Escala de Solidão UCLA para aplicação na população brasileira, o qual foi confirmada a possibilidade sem qualquer comprometimento da informação. Ademais, a presente escala é amplamente utilizada por diversos pesquisadores por ponderar fatores não somente emocionais, mas cognitivos (RUSSELL; PEPLAU; CUTRONA, 1980, ONG; UCHINO; WETHINGTON, 2016).

Por fim, conforme orientação de Dalmoro e Vieira (2013), em estudos da área das Ciências Sociais Aplicadas, é mais comum utilizar Likert 5 pontos, sendo que o mesmo foi implementado, desta forma, em ambas escalas (Escala de Dependência em *Smartphone* SAS-SV e Escala Brasileira de Solidão - UCLA). Foram adaptadas as alternativas de respostas, estando assim dispostas: 1 para Discordo Totalmente, 2 para Discordo Parcialmente, 3 para Não Concordo e Nem Discordo, 4 para Concordo Parcialmente e 5 para Concordo Parcialmente, para que assim, os respondentes indicassem o grau de concordância ou não em relação às assertivas apresentadas (HAIR et al., 2005).

3.4 Pré-teste

Diante a possíveis proporções inimagináveis na abrangência do questionário, perfaz a necessidade da plena convicção de satisfação para com o instrumento de coleta. Conforme já exposto pelos grandes nomes da pesquisa social, Goode, Hatt e Valades (1979), nesta etapa, pode-se extrair a necessidade de correções e adaptações antes da ampla divulgação e coleta dos dados (GOODE; HATT; VALADES, 1979).

O pré-teste foi aplicado a 15 respondentes, sendo que destes, 5 professores universitários, 5 estudantes de graduação e 5 pessoas da comunidade em geral, pois assim,

consegue-se obter um ponto de vista com base em opiniões e considerações de indivíduos com diferentes níveis intelectuais e conhecimento cultural. Aos selecionados, foi encaminhado o *link* do questionário via mensagem privada, salientado que se tratava de um pré-teste e que, não compreendendo algum item, era necessário o retorno para que fosse ponderado eventual necessidade de correção e adaptação no instrumento. Após o preenchimento dos 15 primeiros respondentes, houve o compartilhamento à grande massa.

3.5 Categorização da Amostra

A população amostral do estudo são indivíduos usuários de aparelho de *smartphone*, sem qualquer outra distinção. Não houve filtragem de questões demográficas como sexo, profissão, escolaridade, renda, ou qualquer outro fator excludente, o único ponto relevante e obrigatório era a necessidade de o indivíduo possuir um aparelho de *smartphone*.

Tendo em vista a escolha da técnica de bola de neve, o questionário poderia ser encaminhado via equipamentos de *tablets* e *notebook*, estes que não obrigatoriamente seriam possuidores de aparelhos de *smartphone*, buscando mitigar eventuais respostas não satisfatórias, foi necessário inserir a questão filtro “Você possui celular (*smartphone*): () Sim ou () Não”.

Quanto ao cálculo amostral, apropriou-se dos ensinamentos de Gil (2008) que estabelece para estudos com população infinita, acima de 100 mil, a necessidade de pelo menos 400 respostas válidas para que haja a confiabilidade de 95% e margem de erro de 3% no estudo. Ademais, cabe ressaltar que a presente pesquisa contou com a participação de 548 respondentes, destas respostas, consideraram-se válidas 534, ponderando a obrigatoriedade de possuir aparelho de *smartphone*, estando, portanto, dentro dos padrões estabelecidos pela literatura (GIL, 2008). A coleta foi realizada entre os dias 10 de julho de 2022 e 30 de julho de 2022.

Na busca em obter um maior número de respondentes, utilizou-se, ainda, de uma ampla divulgação nas seguintes plataformas: a) *Facebook*: em grupos de estudantes e pesquisadores, mediante uma série de 3 publicações semanais ressaltando a necessidade do apoio e contribuição; b) *Instagram*: por meio dos *stories* e encaminhamento via *direct* para os indivíduos próximos atuantes na área da pesquisa; c) *WhatsApp*: onde obteve-se uma maior manifestação de adesão, devido a interpessoalidade que a plataforma propicia entre o pesquisador e os pesquisados; e ainda, utilizou-se dos grupos de *WhatsApp* e listas de contatos e de transmissões.

Tendo em vista que foi solicitado apoio na divulgação e compartilhamento da pesquisa, a amostragem configura-se como “bola de neve”, com amostra não probabilística (DEWES, 2013). Esta técnica é conhecida justamente pelo convite ao participante, pelo agente pesquisador ou terceiros, sem a necessidade de identificação prévia do respondente. Optou-se por esta forma de coleta, por ponderar o alto número necessário de respondentes para que a pesquisa pudesse ser considerada relevante, haja visto que se trata de uma população infinita.

3.6 Técnica de análise dos dados

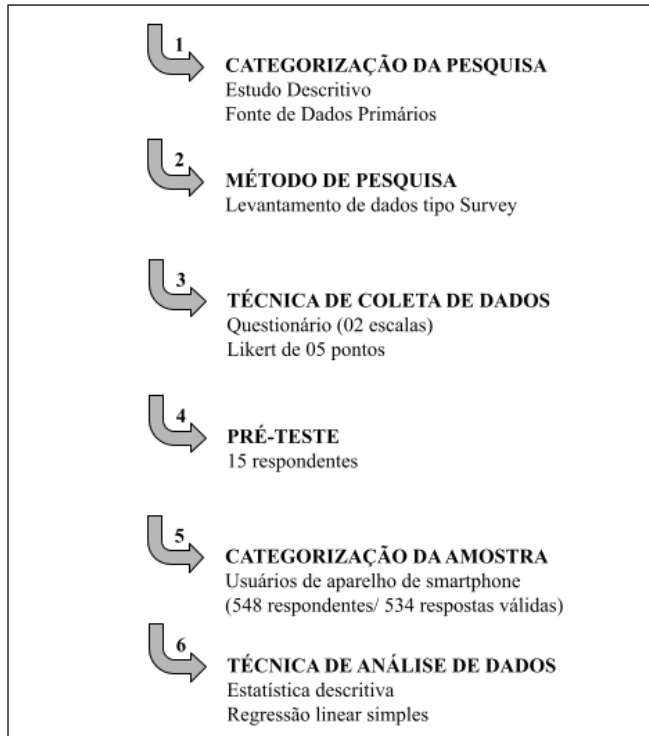
Com objetivo de a análise ser efetiva, após a coleta de dados, os questionários foram extraídos para o *software* Excel, passando por um processo de codificação. Posteriormente, os dados foram analisados por meio do *software* estatístico Statistical Package for the Social SPSS versão 20.0, sendo realizada a estatística descritiva e análise dos *outliers*. Nesta etapa, analisou-se a existência de *outliers*, adotando-se a técnica sugerida por Dixon (1953), que consiste em analisar o valor do *Z-score*, eliminando valores acima de 3,3. Dos 534 aptos, 19 foram eliminados, deste total 16 foram eliminados em função do item SOL10 e 3 em função do item SOL11, pois apresentavam *Z-score* acima do recomendado, indicando presença de *outlier*. Sendo assim, a amostra final foi de 515 participantes, número este acima do padrão estabelecido por Gil (2008). Na sequência para análise dos construtos, foi utilizada a técnica de Regressão Linear Simples, por meio do *software* SPSS.20, visto que esta técnica é necessária para a realização das hipóteses. A técnica de Regressão permite descobrir a relação significativa de duas variáveis: independente e dependente (HAIR et al., 2009).

Neste estudo, foram realizadas três regressões, no primeiro momento, a variável independente corresponde à Solidão e a variável dependente, Uso do *Smartphone*. Posteriormente, a variável independente será o Uso do *Smartphone* e a variável dependente, a Dependência de *Smartphone*. E por fim, a variável independente será a Solidão e a variável dependente, a Dependência de *Smartphone*. Na sequência, serão apresentados e discutidos os resultados do estudo.

3.7 Desenho Metodológico

Com a finalidade de tornar mais didática e de fácil entendimento, apresentar-se-á o desenho do percurso metodológico utilizado na pesquisa.

Figura 5 – Percurso Metodológico



Fonte: autoria própria (2022).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresenta-se o perfil dos respondentes deste estudo, a partir de uma análise descritiva dos dados coletados.

4.1 Perfil dos respondentes

A categorização do perfil dos respondentes, deu-se por meio de uma análise descritiva. Diante os dados coletados, observou-se que em sua maioria, representando 68,4% da amostra, os indivíduos eram do sexo feminino, sendo que participantes do sexo masculino caracterizaram 31,6%. No que tange à faixa etária, pode-se observar a participação de indivíduos com idades entre 14 e 72 anos, sendo predominantemente composta por respondentes com idades até 25 anos, representando 41,2%, seguido daqueles com idades entre 26 e 35 anos, correspondendo a 29%. Juntos, os grupos correspondem a um total de 375 respondentes.

Quanto ao estado civil, a amostra foi bastante concentrada, caracterizando um perfil em que, na sua maioria, os respondentes são solteiros, representando 50,8%. Quanto ao nível de escolaridade, a maioria dos inquiridos (36,9%) possui ensino médio completo, seguidos daqueles que possuem pós-graduação completa (28,9%). Com relação a quantidade de pessoas que residem junto com o respondente, a maioria, correspondendo a 30,9%, respondeu que residem duas pessoas na casa, incluindo o respondente. As informações referentes ao perfil sociodemográfico são descritas na Tabela 2.

Tabela 2 – Perfil Sociodemográfico

(continua)

Questões	Opções	Frequência	Porcentagem
Sexo	Feminino	350	68,4%
	Masculino	162	31,6%
Idade	Até 25 anos	220	41,20%
	De 26 a 35 anos	155	29%
	De 36 a 45 anos	68	12,70%
	De 46 a 55 anos	46	8,60%
	Mais de 56 anos	45	8,40%
Qual seu estado conjugal	Mora com esposo(a) ou companheiro(a)	190	37,1%
	Nunca se casou ou morou com companheiro(a)	260	50,8%
	Separado(a), desquitado(a) ou divorciado(a)	56	10,9%
	Viúvo(a)	6	1,2%
Quantas pessoas moram	+ de cinco	6	1,2%

em sua casa, incluindo você:	Cinco	23	4,5%
	Duas	158	30,9%
	Quatro	86	16,8%
	Três	124	24,2%
	Uma	114	22,3%
Escolaridade:	Completo o ensino Fundamental	10	2,0%
	Completo o ensino médio	189	36,9%
	Completo o ensino superior	119	23,2%
	Completo o ensino técnico	45	8,8%
	Cursou pós-graduação	148	28,9%
	Estudou até a quarta série do ensino fundamental	1	0,2%

Fonte: autoria própria com base em dados da pesquisa (2022).

4.2 O tempo de uso no *smatphone*

Há no meio acadêmico muitos estudos que ratificam que o uso excessivo das TIMS pode influenciar na dependência e até mesmo na solidão, conforme já exposto no referencial teórico desta pesquisa. Todavia, não há uma aferição em tempo real diários que os usuários dispensão para tal prática. Durante o procesimento de análise notou-se que os indivíduos utilizam cerca de 6 horas ou mais ao dia os seus aparelhos de smartphome, o que corresponde a alarmantes 25% da duração de um dia.

Desta forrma, pode-se estabelecer duas grande possíveis motivações, sendo estas: a) completa introdução do respectivo aparelho nas práticas cotidianas, sejam elas profissionais, laborais ou funcionais (CORSO; BEHR; FREITAS, 2015); b) uso inconsciente em decorrência da dependência que o usuário estabeleceu com o smartphome, sendo incapaz de compreender quando utiliza de forma necessária ou quando utiliza de forma despercebida (KAKIHARA; SORENSEN, 2001; CORSO, 2013; AMORIM, 2020).

Na sequência, a tabela 3 elucidará o tempo de uso:

Tabela 3 – Uso diário do smartphome

Bloco	Opções	Frequência	Porcentagem
Tempo de uso	Menos de 30 minutos	5	0,93%
	De 30 min a 1h59 minutos	61	11,41%
	De 2 horas a 3h59 minutos	111	20,75%
	De 4 horas a 5h59 minutos	153	28,6%
	6 horas ou mais	205	38,31%

Fonte: autoria própria com base em dados da pesquisa (2022).

Percebe-se que o tempo de uso do smartphone é considerável, boa parte das pessoas passa 4 horas ou mais utilizando o aparelho.

4.3 Regressões

Neste tópico serão demonstrados os resultados dos testes de Regressão. A primeira regressão testou a Solidão com a Frequência de Uso do *Smartphone*.

Tabela 4 – Análise da Relação entre Tempo de uso de *Smartphone* e Dependência em *Smartphone*

Modelo	R	R ajustado	Durbin-Watson	Beta	Sig.
1 Tempo de uso em <i>Smartphone</i>	0,329	0,107	1,679	0,385	0,000*

a. Variável Dependente: Dependência em *Smartphone*

* Significante a 0,01 e 0,05.

Fonte: autoria própria com base em dados da pesquisa (2022).

A tabela 4 apresenta o resultado da regressão entre o tempo de uso (independente) e a Dependência em *smartphone*, na qual se percebeu que há relação, uma vez que a significância está abaixo de 0,05. Conseqüentemente, a **Hipótese 1** pode ser aceita, corroborando os achados de Mick e Fournier (1998); Jarvenpaa e Iang (2005); Oliveira (2012); Corso (2013) e Amorim (2020). Essa relação foi confirmada de forma positiva, pelo fato do Beta (B) ser positivo. Portanto, pode-se dizer que quanto maior o tempo de uso do *smartphone*, maior é a dependência das pessoas que fazem o uso dele.

Na sequência, analisou-se a hipótese 2 que analisa a relação entre o tempo de uso de *smartphone* e a solidão.

Tabela 5 – Análise da Relação entre Tempo de uso de *Smartphone* e Solidão

Modelo	R	R ajustado	Durbin-Watson	Beta	Sig.
1 Tempo de uso em <i>Smartphone</i>	0,084	0,005	0,670	0,072	0,058

a. Variável Dependente: Solidão

Fonte: autoria própria com base em dados da pesquisa (2022).

A Tabela 5 apresenta o resultado da regressão entre o Tempo de Uso (independente) e a Solidão, no qual se percebe que não há relação entre as variáveis. Essa relação não foi

confirmada, uma vez que a significância está acima de 0,05, ou seja, está acima do que é recomendado por Hair et al. (2005).

Portanto, os resultados não podem suportar a **Hipótese 2**, contrariando as evidências de Park (2005); Tan; Pamuk e Donder (2013); Darcin et al. (2016); Seyrek et al., (2017), que alegavam que quanto mais o indivíduo utilizass o *smartphone* mais este, seria solitário.

Na sequência observou-se a hipótese 3, que analisa a relação entre a Dependência em *Smartphone* e a Solidão.

Tabela 6 – Análise da Relação entre Dependência em *Smartphone* e Solidão

Modelo	R	R ajustado	Durbin-Watson	Beta	Sig.
1 Dependência em <i>Smartphone</i>	0,311	0,095	0,790	0,227	0,000*

a. Variável Dependente: Solidão

* Significante a 0,01 e 0,05.

Fonte: autoria própria com base em dados da pesquisa (2022).

A Tabela 6 demonstra o resultado da regressão entre a Dependência em *Smartphone* (independente) e a Solidão (dependente), no qual se percebeu que há relação, uma vez que a significância está abaixo de 0,05. Consequentemente, a **Hipótese 3** pode ser aceita, corroborando os achados de Kim et al. (2014).

A seguir, será demonstrado o Quadro 6, para apresentar as hipóteses testadas.

Quadro 6 – Hipóteses Testadas

Hipóteses	Resultado
H1: Quanto maior o tempo de uso do <i>smartphone</i> maior a dependência do <i>smartphone</i> .	Suportada
H2: Quanto maior o tempo de uso do <i>smartphone</i> maior a solidão.	Não confirmada
H3: Quanto maior a dependência do <i>smartphone</i> maior a solidão.	Suportada

Fonte: autoria própria (2022).

Após as hipóteses testadas, acredita-se haver a existência de um melhor modelo que explique a relação entre as variáveis pesquisadas, este modelo é apresentado na Figura 6.

Figura 6 – Modelo Proposto



Fonte: autoria própria (2022).

A Figura 6 ilustra o modelo proposto com base nos resultados deste estudo, observa-se que o tempo de uso é o fator gerador para a dependência em *smartphone* e consequentemente a dependência é o fator gerador da solidão, estando assim a solidão consicionada a dependência não ao tempo de uso de *smartphone*. Após atender todos os objetivos da presente pesquisa, apresentam-se as principais conclusões e achados deste estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo consistiu em analisar a relação do tempo de uso do aparelho *smartphone* com a dependência em *smartphone* e o sentimento da solidão. Buscando atender o objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos: a) identificar o tempo diário dos usuários em *smartphones*; b) investigar se há influência do tempo de uso do *smartphone* na dependência; c) investigar se há influência do tempo de uso de *smartphone* na solidão; d) investigar se há influência da dependência de *smartphone* na solidão. Com intuito de atender aos objetivos e às hipóteses descritas, realizou-se uma pesquisa com usuários de *smartphones*.

A partir dos resultados deste estudo, foi possível compreender que boa parte das pessoas utilizam, com frequência, o *smartphone* diariamente, e o tempo de utilização do mesmo influencia positivamente a dependência de uso no mesmo (H1). Este resultado sugere que quanto maior for o tempo de uso que as pessoas fazem do *smartphone*, maior será a propensão a tornarem-se dependentes, corroborando com a literatura. O uso constante requer um disernimento da prática, compreender o aparelho e para o que se está utilizando ele, na medida em que passa a ser visto como uma rota de fuga para algumas práticas cotidianas, os usuários deixam de possuir o disernimento racional, tornando-se assim, dependentes da tecnologia do *smartphone*.

Percebeu-se ainda que o tempo de uso do *smartphone* não tem relação com a solidão (H2). Isto quer dizer que embora as pessoas utilizem de forma excessiva o *smartphone*, não necessariamente são solitárias, contrariando o posto pela literatura. Indo de encontro a hipótese anterior, esta diz respeito ao usuário que possui completa capacidade de compreender a finalidade do *smartphone*.

Por conseguinte, verificou-se que a dependência em *smartphone* influencia positivamente a solidão (H3), ou seja, as pessoas que são mais dependentes ao uso do *smartphone* tendem a ser mais solitárias e deste modo, qualquer dependência é um sinal de fragilidade ou abalo emocional. Neste sentido, cabe o alerta: as pessoas que fazem o uso do aparelho de *smartphone* perdem a noção do tempo, de realidade, reduzem a capacidade de socialização e com isso, tendem a isolar-se das demais pessoas do seu cotidiano, intensificando a solidão.

As contribuições práticas e sociais deste estudo estão relacionadas à necessidade das empresas de TIMS e agentes de saúde e autoridades competentes problematizarem qual a real função atribuída aos *smartphones* pelos indivíduos solitários, se seria esta uma forma de fugir

da realidade, minimizar contato face a face ou um auto tratamento, pois sabemos o quão problemático é o sentimento da solidão e todas as outras patologias que ele pode fomentar, tais como a ansiedade social, angústias, depressão e até mesmo o suicídio.

No campo teórico, o presente estudo surge para avançar nas pesquisas sobre o uso de *smartphone* por pessoas em situação de solidão, pois há generalizações, sempre conglomerando inúmeros sentimentos negativos e atribuindo a eles o tempo de uso excessivo, todavia, notou-se que cada sentimento possui suas especificidades, perfazendo a necessidade de compreender cada sentimento como único.

Apesar do presente estudo ter alcançado todos os objetivos propostos, algumas limitações foram observadas ao longo da pesquisa. A primeira limitação foi que o instrumento de coleta foi disponibilizado de modo *on-line*, limitando quem não tinha acesso à *internet*. A outra limitação foi o fato de a amostra ser não probabilística.

Como sugestões para pesquisas futuras, sugere-se estudos para entender o porquê as pessoas usam tanto assim o *smartphone* e se existem outras variáveis que possam explicar a solidão das pessoas, e se esta solidão é atenuada ou minimizada pelo uso de aparelhos eletrônicos.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Craig A.; ARNOULT, Lynn H. Attributional style and everyday problems in living: Depression, loneliness, and shyness. **Social cognition**, v. 3, n. 1, p. 16, 1985.
- ANSHARI, Muhammad et al. Smartphone habit and behavior in Brunei: Personalization, gender, and generation gap. **Computers in Human Behavior**, v. 64, p. 719-727, 2016.
- BANDEIRA, Marina Valim et al. **Personalidade e phubbing**: investigando a relação da personalidade em universitários com o ato de ignorar pelo smartphone. 2019.
- BARROSO, S. M. et al. Evidências de validade da Escala Brasileira de Solidão UCLA. **Jornal brasileiro de psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 8, 2016.
- BIAN, Mengwei; LEUNG, Louis. Linking loneliness, shyness, smartphone addiction symptoms, and patterns of smartphone use to social capital. **Social science computer review**, v. 33, n. 1, p. 61-79, 2015.
- BIDARTE, Marcos Vinicius Dalagostini et al. **Profissão do lar**: imposição ou escolha?. 2018.
- BOBAK, Andreas. **Eletronic business with mobile personal digital assistants (PDAs)**. 2001. Tese de Doutorado. Master Thesis in Computer Science, University of Zurich, Switzerland.
- BRAGE, Diane; MEREDITH, William M.; WOODWARD, John. Correlates of loneliness among Midwestern adolescents. **Adolescence**, v. 28, n. 111, p. 685-694, 1993.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da Informação: economia, sociedade e cultura, v. 1, n. 5, 1999.
- CEYHAN, Esra; CEYHAN, Aydoğan Aykut. **Loneliness and depression levels of students using a university counseling Center**. 2011.
- CHANG, Edward C. et al. Loneliness and negative life events as predictors of hopelessness and suicidal behaviors in Hispanics: Evidence for a diathesis-stress model. **Journal of clinical psychology**, v. 66, n. 12, p. 1242-1253, 2010.
- CORSO, Kathiane Benedetti. **Práticas sócio-materiais de gestores**: investigando os paradoxos de uso da tecnologia móvel em uma Instituição de Ensino Superior. Orientador: Prof. Dr. Henrique Mello Rodrigues de Freitas. 2013. 202 p. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.
- CORSO, Kathiane Benedetti; BEHR, Ariel; DE FREITAS, Henrique Mello Rodrigues. Contextos móveis: hábitos e práticas de uso de tecnologias móveis de gestores de uma Instituição de Ensino Superior. **Sistemas & Gestão**, v. 10, n. 3, p. 384-395, 2015.
- CORSO, Kathiane Benedetti; FREITAS, Henrique Mello Rodrigues; BEHR, Ariel. **Os paradoxos de uso da tecnologia de informação móvel**: a percepção de docentes usuários de

smartphones. Anais do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 2012.

COUTINHO, Gustavo Leuzinger. **A Era dos Smartphones: Um estudo Exploratório sobre o uso dos Smartphones no Brasil.** 2014.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto,** 2010.

DALMORO, M.; VIEIRA, K. M. **Dilemas na construção de escalas Tipo Likert: o número de itens e a disposição influenciam nos resultados?.** Revista gestão organizacional, v. 6, n. 3, 2013.

DARCIN, Asli Enez; et al. Smartphone addiction and its relationship with social anxiety and loneliness. **Behaviour & Information Technology,** v. 35, n. 7, p. 520-525, 2016.

DEKLEVA, Sasha. M-business: economy driver or a mess?. **Communications of the Association for Information Systems,** v. 13, n. 1, p. 11, 2004.

DEWES, J. O. **Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos,** 2013.

DIXON, W. J. Processando dados para outliers. **Biometria,** v. 9, n. 1, p. 74-89, 1953.

ERÖZKAN, Atilgan. The Predictors of Loneliness in Adolescents. **Ilkogretim Online,** v. 8, n. 3, 2009.

ESEN, Erol; SIYEZ, Didem MM. An investigation of psycho-social variables in predicting internet addiction among adolescents. **Turkish Psychological Counseling and Guidance Journal,** v. 4, n. 36, p. 127-136, 2011.

FLICK, U. **O manual SAGE de análise de dados qualitativos.** Sábio, 2013.

GERSTEIN, Lawrence H.; TESSER, Abraham. Antecedents and responses associated with loneliness. **Journal of Social and Personal Relationships,** v. 4, n. 3, p. 329-363, 1987.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 2a ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOODE, William J.; HATT, Paul K.; VALADÉS, Adrián Odilón. **Métodos de investigación social.** Trillas, 1979.

HAIR, J. F. et al. **Análise multivariada de dados.** Bookman Editora, 2009.

_____. **Fundamentos de métodos de pesquisa em administração.** Bookman, Companhia Ed, 2005.

JARVENPAA, Sirkka; LANG, Karl Reiner. Managing the paradoxes of mobile technology. **Information systems management,** v. 22, n. 4, p. 7-23, 2005.

JIANG, Qiaolei; LI, Yan; SHYPENKA, Volha. Loneliness, individualism, and smartphone addiction among international students in China. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 21, n. 11, p. 711-718, 2018.

JIN, Borae; PARK, Namkee. Mobile voice communication and loneliness: Cell phone use and the social skills deficit hypothesis. **New Media & Society**, v. 15, n. 7, p. 1094-1111, 2013.

KAKIHARA, Masao; SORENSEN, Carsten. Expanding the 'mobility' concept. **ACM SIGGroup bulletin**, v. 22, n. 3, p. 33-37, 2001.

KAYIS, A. Rifat et al. Fear of COVID-19, loneliness, smartphone addiction, and mental wellbeing among the Turkish general population: a serial mediation model. **Behaviour & Information Technology**, p. 1-13, 2021.

KIM, Dongil et al. Development of Korean smartphone addiction proneness scale for youth. **PloS one**, v. 9, n. 5, p. 1-8, 2014.

KALAKOTA, R., & Robinson, M. (2002). **M-business: tecnologia móvel e estratégia de negócios** (p. 249). Porto Alegre: Bookman.

KWON, Min. et al. Development and validation of a smartphone addiction scale (SAS). **PloS one**, v. 8, n. 2, p. 1-7, 2013.

LEMOS, André. Cultura da mobilidade. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, n. 40, p. 28-35, 2009.

Lyytinen, K., & Yoo, Y. (2002). **Ubiquitous computing**. *Communications of the ACM*, 45(12), 63-96.

MCWHIRTER, Benedict T. Loneliness: A review of current literature, with implications for counseling and research. **Journal of Counseling & Development**, v. 68, n. 4, p. 417-422, 1990.

MICK, David Glen; FOURNIER, Susan. Paradoxes of technology: Consumer cognizance, emotions, and coping strategies. **Journal of Consumer research**, v. 25, n. 2, p. 123-143, 1998.

MOK, Jung-Yeon et al. Latent class analysis on internet and smartphone addiction in college students. **Neuropsychiatric disease and treatment**, v. 10, p. 817-828, 2014.

NANGLE, Douglas W. et al. Popularity, friendship quantity, and friendship quality: Interactive influences on children's loneliness and depression. **Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology**, v. 32, n. 4, p. 546-555, 2003.

OLIVEIRA, André Filipe Pereira de. **Neurobiologia dos Comportamentos Aditivos**. Orientador: Prof. Dr. Manuel António Fernandez Esteves. 2012. 39 p. Tese (Mestrado) - Faculdade de Medicina da Universidade de Porto. Porto, Portugal. 2012.

ORTEGA, Fernanda Da Cunha; CORSO, Kathiane Benedetti; MOREIRA, Martiele Gonçalves. Dependência de smartphone: investigando a realidade de uma prestadora de serviço do sistema “S”. **Revista Sociais e Humanas**, v. 33, n. 3, p. 200-217, 2020.

PARK, Woong Ki. Mobile phone addiction. In: **Mobile communications**. Springer, London, p. 253-272. 2005.

PEHLIVAN, Seda et al. Relationship between hopelessness, loneliness, and perceived social support from family in Turkish patients with cancer. **Supportive Care in Cancer**, v. 20, n. 4, p. 733-739, 2012.

PEREIRA, Danilo Moura; SILVA, Gislane Santos. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como aliadas para o desenvolvimento. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, v. 7, n. 8, 2020. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/1935>>. Acesso em: 30 de mar. de 2022.

PERLMAN, Daniel; PEPLAU, L. Anne. **Toward a social psychology of loneliness**. Personal relationships, v. 3, p. 31-56, 1981.

PESQUISA Nacional por Amostra de Domicílios 2021. In: **IBGE. Sidra: sistema IBGE de recuperação automática**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnadca/tabelas>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

PICON, Felipe et al. Precisamos falar sobre tecnologia: caracterizando clinicamente os subtipos de dependência de tecnologia. **Revista brasileira de psicoterapia**, v. 17, n. 2, p. 44-60, 2015.

QUALTER, Pamela et al. Loneliness, interpersonal distrust, and alexithymia in university students 1. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 39, n. 6, p. 1461-1479, 2009.

REID, Donna J.; REID, Fraser JM. Text or talk? Social anxiety, loneliness, and divergent preferences for cell phone use. **CyberPsychology & Behavior**, v. 10, n. 3, p. 424-435, 2007.

ROTENBERG, Ken J.; FLOOD, Darlene. Loneliness, dysphoria, dietary restraint, and eating behavior. **International Journal of Eating Disorders**, v. 25, n. 1, p. 55-64, 1999.

RUCHKIN, Vladislav V.; EISEMANN, Martin; HÄGGLÖF, Bruno. Hopelessness, loneliness, self-esteem, and personality in Russian male delinquent adolescents versus controls. **Journal of Adolescent Research**, v. 14, n. 4, p. 466-477, 1999.

RUSSELL, D.; PEPLAU, L. A.; CUTRONA, C. E. The revised UCLA Loneliness Scale: concurrent and discriminant validity evidence. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, v. 39, n. 3, p. 472-80, 1980.

SACCOL, Amarolinda Zanela; REINHARD, Nicolau. **Tecnologias de informação móveis, sem fio e ubíquas: definições, estado-da-arte e oportunidades de pesquisa**. Revista de administração contemporânea, v. 11, p. 175-198, 2007.

SEYREK, Sezen et al. Factors associated with Internet addiction: Cross-sectional study of Turkish adolescents. **Pediatrics international**, v. 59, n. 2, p. 218-222, 2017.

SHAMBARE, Richard; RUGIMBANA, Robert; ZHOWA, Takesure. Are mobile phones the 21st century addiction?. **African Journal of Business Management**, v. 6, n. 2, p. 573-577, 2012.

SILVA, Paulo Marcos Ribeiro da. **Aplicativos que abordam conceitos estatísticos em tablets e smartphones**. Orientadora: Dr.^a Gilda Lisbôa Guimarães. 2015. 185 p. Tese (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2015.

TAGHIZADEH, Fatemeh et al. Investigating the relationship between smartphone addiction and loneliness and its impact on motivation to progress in high school students. **International Journal of Pediatrics**, v. 7, n. 10, p. 10187-10193, 2019.

TAKAO, Motoharu; TAKAHASHI, Susumu; KITAMURA, Masayoshi. Addictive personality and problematic mobile phone use. **CyberPsychology & Behavior**, v. 12, n. 5, p. 501-507, 2009.

TAN, Çetin; PAMUK, Mustafa; DÖNDER, Ayşenur. Loneliness and mobile phone. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 103, p. 606-611, 2013.

TARASEWICH, Peter; NICKERSON, Robert; WARKENTIN, Merrill. **Wireless/Mobile E-commerce: technologies, applications, and issues**. 2001. Disponível em: <<https://aisel.aisnet.org/amcis2001/87>>. Acesso em: 25 de mar. 2022.

THEOHARIDOU, Marianthi; MYLONAS, Alexios; GRITZALIS, Dimitris. A risk assessment method for smartphones. In: **IFIP International Information Security Conference**. p. 443-456. Springer, Berlin, Heidelberg, 2012.

ÜNAL, Gülseren; BILGE, Ayşegül. The evaluation of the loneliness, depression and cognitive function in older age group. **Turkish Journal of Geriatrics**, v. 8, n. 2, p. 89-93, 2005.

YAACOB, Siti Nor et al. Loneliness, stress, self esteem and depression among Malaysian adolescents. **Jurnal Kemanusiaan**, v. 7, n. 2, 2009.

YAYAN, Emriye Hilal; SUNA DAĞ, Yeliz; DÜKEN, Mehmet Emin. The effects of technology use on working young loneliness and social relationships. **Perspectives in psychiatric care**, v. 55, n. 2, p. 194-200, 2019.

WANG, Kenneth T.; YUEN, Mantak; SLANEY, Robert B. Perfectionism, depression, loneliness, and life satisfaction: A study of high school students in Hong Kong. **The counseling psychologist**, v. 37, n. 2, p. 249-274, 2009.

WEISER, Mark. The Computer for the 21 st Century. **Scientific American**, v. 265, n. 3, p. 94-105, 1991.

WERTHEIN, Jorge. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da informação**, v. 29, p. 71-77, 2000.

APÊNDICES

A - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A presente pesquisa possui como objetivo analisar o uso do *smartphone* (celular), independente do motivo de uso e sua relação com o sentimento da solidão. O estudo é realizado pelo mestrando Matheus Fontella Goulart, aluno do Programa de Pós Graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa, sob orientação do Professor Dr. Gustavo da Rosa Borges.

Bloco 1 – Questões filtro

Você possui celular (*smartphone*):

sim não

Bloco 2 – Tempo gasto

Quanto tempo você usa o seu *smartphone* (celular) por dia:

Menos de 30 minutos De 30 min a 1h59 minutos De 2 horas a 3h59 minutos De 4 horas a 5h59 minutos 6 horas ou mais

Idade:

Sexo: masculino feminino

Qual seu estado conjugal:

Nunca se casou ou morou com companheiro(a) Mora com esposo(a) ou companheiro(a) Viúvo(a)
 Separado(a), desquitado(a) ou divorciado(a)

Quantas pessoas moram em sua casa, incluindo você:

Uma Duas Três Quatro Cinco + mais de cinco

Escolaridade:

Não estudou Estudou até a primeira série do ensino fundamental Estudou até a quarta série do ensino fundamental Completou o ensino Fundamental Completou o ensino médio Completou o ensino técnico Completou o ensino superior Cursou pós-graduação

Bloco 3 - Escala de dependência ao uso do *smartphone*

(continua)

Item	Alternativa				
	() 1	() 2	() 3	() 4	() 5
Não consigo planejar minhas atividades devido ao uso do celular	() 1	() 2	() 3	() 4	() 5
Eu tenho dificuldade em me concentrar, ao fazer tarefas ou ao trabalhar devido ao uso do celular	() 1	() 2	() 3	() 4	() 5
Eu sinto dor nos pulsos ou na nuca quando uso um celular	() 1	() 2	() 3	() 4	() 5
Não vou aguentar ficar sem um celular	() 1	() 2	() 3	() 4	() 5

Eu me sinto impaciente e irritado quando não estou segurando meu celular	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu tenho meu celular em mente mesmo quando não estou usando	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu não vou parar de usar meu celular mesmo quando meu dia a dia já estiver bastante afetado por ele	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu verifico constantemente meu celular para não perder conversas entre outras pessoas nas redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram e outras)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu uso meu celular por mais tempo do que eu pretendia	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
As pessoas ao meu redor me dizem que uso demais meu celular	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5

Legenda: 1 - Discordo totalmente; 2 - Discordo parcialmente; 3 - Não concordo e não discordo; 4 - Concordo parcialmente; 5 - Concordo totalmente.

Bloco 4 - Escala brasileira de solidão

(continua)

Item	Alternativa				
	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu me sinto infeliz por fazer tantas coisas sozinho(a)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu não tolero ficar tão sozinho(a)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu sinto que não tenho companhia	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu sinto que ninguém me compreende	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu fico esperando as pessoas me ligarem ou escreverem	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu sinto que não tenho ninguém a quem eu possa recorrer	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu não me sinto próximo(a) a ninguém	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Sinto que meus interesses e ideias não são compartilhados por aqueles que me rodeiam	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu me sinto excluído(a)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu me sinto completamente sozinho(a)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5

Eu sou incapaz de me aproximar e de me comunicar com as pessoas ao meu redor	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu sinto que minhas relações sociais são superficiais	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu me sinto carente de companhia	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu sinto que ninguém me conhece realmente bem	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu me sinto isolado(a) das outras pessoas	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Sou infeliz estando tão excluído(a)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Pra mim é difícil fazer amigos	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu me sinto bloqueado(a) e excluído(a) por outras pessoas	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Sinto que as pessoas estão ao meu redor, mas não estão comigo	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5
Eu me sinto incomodado em realizar atividades sozinho(a)	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4	<input type="checkbox"/> 5

Legenda: 1 - Discordo totalmente; 2 - Discordo parcialmente; 3 - Não concordo e não discordo; 4 - Concordo parcialmente; 5 - Concordo totalmente.